



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA:
Apropriação de Dramaturgias para Reforço de Identidade

Carlos Alberto Neves da Rocha

Brasília, DF
2024

Carlos Alberto Neves da Rocha

**ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA:
Apropriação de Dramaturgias para Reforço de Identidade**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes,
da Universidade de Brasília, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título de
Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. José Fernando
Marques de Freitas Filho.

Brasília, DF

2024

ROCHA, Carlos A. N. da Aa
NEVES DA ROCHA, CARLOS ALBERTO
ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA: Apropriação de
Dramaturgias para Reforço de Identidade / CARLOS ALBERTO
NEVES DA ROCHA; orientador José Fernando Marques de Freitas
Filho. -- Brasília, 2024.
102 p.

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) --
Universidade de Brasília, 2024.

1. Arte. 2. Educação. 3. Dramaturgia. 4. Identidade. 5.
Ensino Básico. I. Marques de Freitas Filho, José Fernando ,
orient. II. Título.

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Cênicas – CEN
Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes

CARLOS ALBERTO NEVES DA ROCHA

**ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA:
Apropriação de Dramaturgias para Reforço de Identidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Arte, linha de pesquisa: processos de ensino, aprendizagem e criação em artes. Área de concentração: ensino de Artes.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Fernando Marques de Freitas Filho – Orientador – Profartes/UnB

Prof. Dr. Antonio José Bacelar da Silva – Membro Externo –
UA – Universidade do Arizona/EUA

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha – Membro Interno –
ProfArtes/UnB

Submetido para defesa em Brasília, dezembro de 2024.

*Dedico aos meus pais,
Maria Berenice Neves da Rocha
E, in memoriam,
Waldemar Neves da Rocha,
Pelas luzes de estética e ética
Presentes nesta pesquisa.*

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador tão competente quanto dedicado a tornar digna nossa pesquisa, Prof. Fernando Marques; ao sempre presente em me apoiar, Coordenador do ProfArtes, Prof. Paulo Bareicha; e sentimo-nos honrados com a presença do Prof. Antonio José Bacelar da Silva, que abrilhanta as bancas de qualificação e defesa do Mestrado da UnB.

Às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos, que sempre me lembram sobre a necessidade do cultivo das luzes da estética e ética herdadas; aos meus parentes, igualmente por tanta iluminação reunida e compartilhada comigo por mais de seis décadas.

Aos meus amigos, que são muitos, mas especialmente os mais próximos das conversas nos cafés e biscoitos de tradição mineira, com total sincretismo harmônico à Bahia e ao Planalto Central, este último minha terra por escolha própria.

À minha única funcionária há três décadas e fiel escudeira, D. Lúcia, comigo para o que der e vier, mesmo na falta de luzes, água, gás do botijão, gás da vida ou o que sobrevier.

Aos colegas do Banco do Brasil, uma família, onde aprendi inclusive a escrever melhor.

Aos colegas do ProfArtes UnB do biênio 2023/2024, com referência mais carinhosa àqueles mais amigos, debaixo do mesmo guarda-chuva que eu – o das artes cênicas – com pesquisas ricas com foco no teatro e na dança.

Aos meus colegas, funcionários e professores que me fizeram sempre maior do que antes, na Universidade Federal da Bahia, Fundação Oswaldo Aranha, Universidade Federal de Ouro Preto, Fundação Brasileira de Teatro, Universidade de Brasília, Faculdade do Distrito Federal, Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa; e, de novo, para minha honra e privilégio, Universidade de Brasília!

Finalmente, agradeço aos seis mil e quinhentos alunos que já tive e me perguntaram sobre arte, sendo que eles mesmos me responderam sobre a vida: aproveitaram para enaltecer a grandeza do ensino público no Brasil e meus colegas professores, verdadeiros missionários; e reverencio o aconchego do estúdio Artpontoeh, especialmente quanto às mulheres que por ali transitam, pois sempre prestigiaram com mais intensidade a nossa análise do discurso cênico.

No caso das várias peças que Shakespeare escreveu sobre a história da Inglaterra, a originalidade vem do modo com que ele dá um sentido geral ao que acontece, em vez de só narrar, como faziam os cronistas (os historiadores da época).

(HELIODORA, 2008, p. 62-63)

RESUMO

Resumo: Propomos uma apropriação de dramaturgias para reflexão dos estudantes sobre sua própria vida, no que toca à arte-educação na pré-adolescência. A linha desta pesquisa tem foco em “processos de ensino, aprendizagem e criação em artes”, do ProfArtes – UnB. Incluímos uma atenção especial à metodologia, haja vista a importância de se compreender de que forma os professores de artes atuam e conectam suas práticas formativas à linguagem artística da dramaturgia, com ênfase na escrita e não na montagem teatral, por meio da releitura de cenas significativas para a formação humana. Contribui-se assim para o reforço de identidade e sentimento de pertencimento dos estudantes no ensino básico, dando-lhes voz. Ao tempo que se promove a expressão criativa, com ângulos de vista do cotidiano e ampliação do imaginário, temos uma etnografia do universo juvenil. A possibilidade de oportunizar a expressão de desejos, receios e horizontes éticos faz parte da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Educação. Dramaturgia. Identidade. Ensino Básico.

Abstract: The research proposes an appropriation of dramaturgy for students to reflect on their own lives, regarding art education in pre-adolescence. The line of this research focuses on the “teaching, learning and creation processes in the arts”, at ProfArtes – UnB. We included special attention to methodology, given the importance of understanding how art teachers act and connect their training practices to the artistic language of dramaturgy, with an emphasis on writing rather than theatrical performance, by re-reading scenes that are significant for human formation. This contributes to strengthening the identity and sense of belonging of elementary school students, giving them a voice. At the same time as promoting creative expression, with angles of view of everyday life and expanding the imagination, we have an ethnography of the youth universe. The opportunity to express desires, fears and ethical horizons is part of the research

KEYWORDS: Art. Education. Dramaturgy. Identity. Elementary school.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEF 104 Norte – Centro de Ensino Fundamental 104 Norte

Chat – bate papo digital

Cidade-satélite – Como o subúrbio do Distrito Federal é chamado

DF – Distrito Federal

GDF – Governo do Distrito Federal

IST – Infecções sexualmente transmissíveis

Instagram – ou Insta, rede social digital, com ênfase em fotos

Plano Piloto – Parte central do DF, basicamente Asas Sul e Norte

PPP – Projeto Político Pedagógico

ProfArtes – Programa de Mestrado Profissional (*stricto sensu*) em Ensino de
Artes

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

UnB – Universidade de Brasília

WhatsApp – rede social digital, com ênfase no chat

Zap – abreviatura popular de *WhatsApp*

SUMÁRIO

I - CENÁRIO INTRODUTÓRIO

Intenções do projeto

1.1 Memorial descritivo	13
1.2 Introdução	13
1.3 Objetivos	16
1.4 Justificativa	16

II - CENÁRIO TEÓRICO

Como se fundamenta o pensamento

2.1 A poesia	20
2.2 O teatro	23
2.3 A educação	26
2.4 A arteterapia	33
2.5 Disciplinas cursadas na UnB	35

III - CENÁRIO DA METODOLOGIA DO PROCESSO

Como se implementou academicamente

3.1 Cronograma	38
3.2 Processo de orientação	39
3.3 Fichamento das referências	39
3.4 Fotos e vídeos do processo	42
3.5 Linguagem da pré-adolescência	43
3.6 Roteiro de pesquisa	44

IV - CENÁRIO DE PRODUÇÃO

Prática da arte-educação no Ensino Fundamental II

4.1 Piloto	50
4.2 Organização com apêndices e um anexo	57
4.3 Reflexões no curso da pesquisa	58
4.4 Qualificação e defesa	61
4.5 Autorização do responsável	61
4.6 Entrevista e análise	62
4.7 Material produzido e análise	68
4.8 Cumprimento dos objetivos.....	75
Considerações	80
Referências	84
Apêndices	88
Anexo	97

I - CENÁRIO INTRODUTÓRIO

Intenções do Projeto

1.1. Memorial descritivo

Nasci em Teófilo Otoni (MG), tenho 65 anos, já morei em três regiões brasileiras e escolhi ser brasiliense desde 1992. Tenho o nome artístico de Carlos Neves, ator conforme o registro DRT 690 – GO, com trinta anos de experiência em arte, incluindo teatro, dança, esgrima, piano, canto, cinema, vídeos comerciais e corporativos.

Fui funcionário do Banco do Brasil por 34 anos importantes na minha formação de personalidade e atualmente dirijo o estúdio Artpontoeh, com oficinas artísticas e consultoria sobre a análise do discurso cênico. Minhas contas em redes sociais estão no *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*: @CarlosNevesAtor, @artpontoeh e @profartes_carlosneves, essa última especialmente sobre a presente pesquisa.

Em 2021, escrevi o livro de esquetes teatrais *O Condomínio no Divã*, em parceria com a escritora Maria Elisa Ribeiro. Em 2024, fui coautor do livro *a Arte de Contar Histórias: Escritos, Memórias e Vivências (Volume I)*.

Fui servidor público da Fundação Educacional do Distrito Federal, como professor de artes cênicas de 2001 a 2003, quando então pedi exoneração para me dedicar profissionalmente à interpretação teatral. Hoje, sou servidor público da SEEDF, como professor de artes desde 2018. Em 2021, fui convocado para assumir o cargo de Especialista Socioeducativo em Artes Cênicas na Secretaria de Estado de Justiça do Distrito Federal, mas optei por continuar na SEEDF.

Considero a minha regência de classe no ensino público, como professor, o item mais rico do meu currículo. Ensinei sobre arte a milhares de pessoas e aprendi sobre a vida com todas elas. Em 2003, um aluno de 19 anos do noturno, que era gari durante o dia, ensinou-me o que pratico até hoje e é motivo de elogios que recebo. Ele me disse: “Se o senhor mandar a gente para a diretoria, o senhor *laisca nois* mais ainda, o senhor deveria é conversar com a gente”. Conversei! Desde então, converso com os estudantes, ainda mais do que antes, e por esse e outros motivos estudo também a arte de contar histórias.

1.2. Introdução

As aulas de Educação Artística podem representar memórias ruins, durante a infância e a adolescência de vida no século passado, por cansaço pela repetição de

desenhar paisagens bucólicas e construir flores vermelhas mergulhadas na parafina; além de decorar o pátio da escola para as datas comemorativas. Refiro-me à época dos governos militares, nas escolas muito tradicionais, digamos assim, com aulas de OSPB – Organização Social e Política do Brasil e EMC – Educação Moral e Cívica, dois outros castigos torturantes, que se arrastaram por décadas. Lá, se formaram as identidades daqueles que hoje podem estar comandando não só tropas, mas também as famílias, escolas, congressos, orgias, igrejas, clubes de futebol, jogos do bicho, ministérios e tribunais. Não nos excludo, nem nos isento do passado sem filosofia e sociologia, mas revisitar o pensamento é salutar. As disciplinas matemática e português eram as duas que resolveriam a vida, o resto seria secundário! Para ministrar a disciplina arte, mais abaixo ainda do nível secundário, bastava convidar uma senhora habilidosa com as mãos, assim criada para ser uma esposa prezada.

É bom ser hábil, ter prendas e se casar... para quem assim o quiser! É bom aprender as habilidades manuais, mas não em todos os minutos de todas as aulas de todos os anos-letivos. No antigamente chamado Jardim de Infância, como era feliz ampliar o imaginário com as cenas de fantoches, carinhosamente chamadas de “teatrinho”; além de desenhar, desenvolvendo a coordenação motora, lidando com papeis, viajando nas cores – lá estava a expressão artística se tornando palpável fora do ambiente doméstico – mas é só isso? Um desenho foi condenado pela professora porque havia realidade excessiva inadequada, na representação do cocô caindo ao ar, vindo da parte traseira da vaca. Aquela criança tinha curiosidade sobre as coisas que saíam de algum lugar, mas foi condenada também quando examinou o ovo saindo de uma galinha. Nas datas comemorativas, as professoras de outras disciplinas (os homens não tinham “jeito” para isso) só precisavam se mexer para ajudar as professoras de Educação Artística, no enfeitamento do pátio, se fossem prendas e o quisessem. As mulheres eram úteis, assim como a arte!

Que felicidade a situação ter evoluído neste terceiro milênio... mais ou menos! Não temos competência, por esta pesquisa, de nos aprofundar na temática envolvendo o empoderamento feminino, ora dissertamos sobre a arte e a educação. Estamos seguros, contudo, serem estudos interligados, hoje de mãos dadas para evoluir, em vez da obediência cega de outrora. Quanto à arte-educação, além de toda a sobrecarga de trabalho com baixa remuneração do artista, inclusive intensificada durante a pandemia covid-19 para salvar a psique da população por meio da fruição estética, a sociedade foi “presenteada” com o Novo Ensino Médio. A arte continua num status inferior à

matemática e ao português e deixo para reflexão: os maiores problemas do mundo podem ser resolvidos com a supervalorização dos números e das letras?

No mundo atual de múltiplos acessos digitais, *links*, *hiperlinks*, filtros nas fotografias, análises ligeiras e conclusões superficiais, observamos jovens ansiosos tentando entender sobre a sua própria identidade. O sentimento de pertencimento a alguma comunidade real ou das redes sociais também é uma busca constante dos nossos alunos. Por vezes, existe muita frustração em se sentir longe dos parâmetros ideais ditados pelos influenciadores digitais ou pelas celebridades. O processo cognitivo vivido no ambiente escolar está diretamente ligado a se conhecer melhor e gostar de si mesmo porque raciocinar bem é mais fácil quando se é feliz. Nessa perspectiva, a ressignificação de obras clássicas é uma forma de valorizar a vida, com experimentação criativa e possibilidade de catarse pela fruição estética. Segundo Pegoraro e Hoffman (2013, p. 2), “a releitura é utilizada como forma de aprofundar o conhecimento acerca de determinado autor ou obra e, ainda, como parte do processo criativo de recriação, sob um outro contexto ou ponto de vista”. A dramaturgia, por exemplo, se delineia como um campo que atrai as pessoas, apresentando-lhes situações e incitando-as a análises.

É comum para um professor de artes, em regência de classe, ouvir, ao entrar em sala: “Professor, deixa eu fazer uma cena hoje”? Porém, observa-se que os jovens encontram dificuldades para entender mensagens com comunicação e falas mais elaboradas ou poéticas. Assim, o exercício da releitura artística é um atrativo extra para que a decodificação de frases seja atingida. Como exemplo, podemos nos referir a William Shakespeare, expoente inglês da dramaturgia, cujas peças escritas há mais de quatro séculos ainda nos encantam, especialmente pela originalidade e poética. Cumpre aos professores apresentar esse e outros autores aos jovens. Ter contato com a cena do “balcão” (ressignifico atualmente como “muro da casa”) de *Romeu e Julieta*, por exemplo, faz com que várias gerações se encantem com a completude das falas, no tocante ao relacionamento humano e ao eterno paradoxo de amor e ódio. Quando damos voz aos nossos alunos para reescreverem a cena, no contexto atual e com palavreado cotidiano, eles se animam e, por vezes, chegam à euforia. Lembremos que o jogo teatral desperta também o desejo e até a necessidade de se trabalhar em equipe, pela discussão da obra, contextualização e ressignificação, independentemente de culminar ou não na montagem teatral.

O título desta pesquisa é ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA:

Apropriação de Dramaturgias para Reforço de Identidade. Assim, considerando que a vida é a pessoa em sua comunidade, quando o estudante se reconhece em seu meio, passa a lidar melhor com as ocorrências, além de participar dos costumes e tradições, com poder de análise e crítica. **Dessa forma, o problema de pesquisa que se coloca é: De que forma os professores de arte da SEEDF, etapa Ensino Fundamental séries finais, atuam, por meio da ressignificação dramatúrgica e à luz da ética, oportunizando uma ligação do contemporâneo dos estudantes com novos horizontes poéticos de sentimento de pertencimento?**

1.3. Objetivos

A fim de encontrar respostas para o problema de investigação assinalado na introdução, o objetivo geral do presente trabalho é: conhecer de que forma os professores de artes da SEEDF podem conectar práticas formativas e linguagens artísticas, por meio da releitura dramatúrgica, e assim atuam como mediadores entre o panorama cotidiano dos estudantes e novos horizontes de reforço de identidade, estimulando a aprendizagem e o processo criativo dos discentes. Para tanto, são elencados os objetivos específicos:

- Identificar quais são os procedimentos pedagógicos mais apropriados para conhecer o perfil do corpo discente, escolher as cenas teatrais, contextualizar e realizar as atividades didático-pedagógicas, considerando os estudantes sujeitos ativos do processo de ressignificação;
- Explorar a possibilidade do trabalho interdisciplinar entre Arte e as demais matérias, especialmente Língua Portuguesa, devido à questão literária ligada ao teatro e assim fortalecer a capacidade de leitura crítica do aluno;
- Possibilitar o acesso a obras de autores clássicos e estimular, por meio da fruição estética teatral do ator-aluno, uma análise de mundo, o fortalecimento da identidade e o sentimento de pertencimento comunitário.

1.4. Justificativa

Consideramos que há necessidade de fugir do que chamaremos de aula de arte simples ou rotineira, se é que cabe assim qualificar algo que transcenda a banalidade, pelo próprio conceito do fazer artístico. Devemos ler e pesquisar mais sobre o processo criativo do corpo discente, que é diferente de um produto artístico profissional: na escola,

importa o progresso pessoal referente à sua espetacularidade possível; já na profissão do artista, está envolvida a questão de que o público tem o direito de exigir o espetáculo como lhe foi prometido e, na maioria das vezes, pago financeiramente. Diante disso, passa a incomodar, positivamente falando, o que uma pesquisa de mestrado profissional em arte-educação, com aplicação imediata, pode fazer de estético e ético para facilitar que o processo criativo supere uma simples aula.

Partimos do princípio de que seja fundamental, para uma pesquisa sistemática do arte-educador, conhecer o corpo discente. Sendo assim, na burocracia diária do ensino básico, os professores podem não conhecer o perfil de estudantes pré-adolescentes contemporâneos e, por conseguinte, podem não estar direcionando as aulas para que haja um impacto orientado para a juventude, no sentido de reforçar a identidade e conversar sobre o mundo atual. O processo criativo envolvendo um trabalho de dramaturgia, seja criação própria ou apropriação de obras significativas para a sociedade, pode estar perdendo uma oportunidade de descortinar temas que possam elevar a aula a um estágio didático-pedagógico de descobertas, discussões e produtos artísticos. O resultado acadêmico desta investida e respectiva divulgação subsidiam outros processos criativos, especialmente dentro do guarda-chuva das artes cênicas, porque informam sobre uma geração, procedimentos adotados e resultados.

A escola tem um papel relevante em trazer o desenvolvimento do senso crítico na juventude e principalmente provando que há outros horizontes além do *Google*, *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. A fundamentação teórica conta com experiências anteriores colhidas em artigos de revistas científicas. É no espaço de aprendizagem escolar que um mundo novo complementa os ensinamentos da família, sempre em consonância com os princípios didáticos, éticos e legais. E, quanto à arte-educação, lembremos que “A experiência estética não é algo secundário ou dispensável, um pequeno luxo dos seres humanos. Ela é, ao contrário, a sua natureza mais elementar” (BRANDÃO, 2008, p. 14). Daí a importância de se trabalhar a poética dramatúrgica, para que novas possibilidades de expressão artística sejam experimentadas, transcendendo a banalidade ligeira dos escritos cotidianos sem pontuação e sem acentuação. Sabemos que toda arte, inclusive a dramatúrgica, carrega em si qualidades poéticas, mas é bom salientar a importância da poesia no viver.

O contato com o mundo metafórico pode ir muito além do entretenimento e se

tornar um facilitador para a descoberta de novas formas do existir; não desprezando com isso a objetividade exigida também pelos aspectos quantitativos do dia a dia. Formas familiares de artes cênicas para os estudantes podem ser utilizadas; contudo, seria rico também introduzir conceitos novos, como *performance* e alegoria, ou até mesmo recobrar a tradicional arte de contar histórias. “Fundamental, nesse sentido, é o corpo do contador, capaz de conduzir seus ouvintes através de um único gesto ou palavra” (CHIAMULERA, 2020, p. 31). Entendemos que a *performance* nada mais é do que o desempenho da arte, com suporte no movimento corporal, para uma plateia; ao passo que nos apropriamos da palavra alegoria, quando uma coisa faz lembrar uma outra, num simbolismo artístico e concreto. O simbolismo do movimento e da verbalização pode estar presente para ligar o século XVI de Shakespeare ao olhar atual dos alunos nascidos no século XXI, por meio da alegoria.

A alegoria propõe uma abordagem metodológica na qual a autonomia e o afeto podem ser preservados. O ensinamento através da alegoria traz a polissemia como princípio que estabelece relações dialógicas. A dramaturgia através do texto e/ou imagem alegóricos mobiliza símbolos e percepções sensoriais (KOUDELA, 2022, p. 44).

Nas releituras dramatúrgicas, as metáforas originais dos textos a serem trabalhados podem ganhar atualizações da contemporaneidade, como um linguajar jovial e descontraído, já se caracterizando também aí uma função identitária. “Cada personagem é uma espécie de caráter, uma espécie de máscara social” (OLIVEIRA, 2022, p. 48). A juventude está precisando de referenciais de vida e os arquétipos encontrados na estética teatral não raro nos despertam para debater sobre a própria existência, o sentimento do pertencer e o exercício da ética.

Cabe salientar que o ator-aluno do ensino básico se encontra em uma fase etária de muitas transformações físicas e de pensamento, é interessante verificar o viés psicológico do trabalho teatral. O momento é justamente o de se preparar para sair da infância e descobrir como é ser adolescente. As questões existenciais dos estudantes surgirão sobre o papel de cada um na comunidade. Vamos tentar descobrir ou, pelo menos, refletir! Perguntamo-nos ainda, como professores de artes, se precisamos nos distanciar emocionalmente para perceber o mundo. Apesar dos ensinamentos de Bertolt

Brecht não constarem do currículo dos anos do Ensino Fundamental II, não é proibido que os utilizemos com os alunos. Nas concepções cênicas, temos que nos valer dos recursos mundialmente festejados para o sucesso da comunicação teatral. Os princípios de Brecht exigem um tom circunspecto do espetáculo? Não, mesmo porque o riso é uma coisa séria, com perdão do trocadilho, pois chama a atenção para as curvas, desvios e absurdos até de uma tragédia.

O entusiasmo que Brecht expressou por palhaços possivelmente está associado ao profundo interesse que lhe despertou um popular palhaço alemão vindo dos cabarés, Karl Valentin (1882-1948). Esse encontro ocorreu na juventude de Brecht, em Munique, em algum momento entre os anos de 1918 e 1919, período conturbado marcado pelo fim da Primeira Guerra Mundial, pela Proclamação da República de Weimar na Alemanha e pelo retrato de um país repleto de revoltas, fome e ressentimento (PASCKE, A.; BAFFI, D.E., 2022, p. 396).

O distanciamento emocional da concepção cênica é quase automático durante a criação coletiva, pois os atores ainda não se investiram dos personagens. A multiplicidade de informações nos debates que se travam, fazem com que culminemos com um produto de arte-educação fruto da diversidade de ideias. Espera-se que o professor tenha mais experiência nas artes da cena e, como mediador, facilite a atividade de releitura, com vistas a aprofundar os estudos a respeito da peça e respectiva contextualização sociocultural. Assim, possibilita-se o desenvolvimento da criatividade dos estudantes com foco nos temas de interesse da juventude atual, contribuindo-se para a formação cidadã dos discentes como sujeitos ativos do processo.

O contato com a poética dramatúrgica pode ir muito além do entretenimento e se tornar um caminho para a descoberta do sentido de viver. É no espaço de aprendizagem escolar que um mundo novo complementa os ensinamentos das famílias. Daí a importância de se trabalhar a dramaturgia, para que algo novo surja, fora do cotidiano ligeiro dos escritos sem pontuação e sem acentuação, em um exercício de horizontes mais metafóricos e ricos para a reflexão sobre a vida.

Assim, o presente plano tem como elementos motivadores: a prática da leitura e interpretação da existência humana pela poética das artes cênicas, inclusive com a análise do contexto social da sua própria comunidade; a necessidade da juventude por referenciais éticos, cujo pensar e debater podem ser despertados pelos arquétipos e rituais da dramaturgia; a facilidade do teatro em trabalhar com as outras disciplinas,

especialmente no campo das linguagens e tecnologia; os benefícios da fruição estética das artes cênicas nos campos da ancestralidade, identidade e pertencimento, quer seja em sua concepção ou durante a apresentação da cena; o enriquecimento da bagagem cultural proporcionada pela prática da dramaturgia, frente ao leque de entendimentos possíveis na “magia” das metáforas, fantasias e signos teatrais. De acordo com o Currículo em Movimento do Ensino Fundamental do GDF:

O ensino do Teatro na escola busca contribuir para o despertar da sensibilidade, para a promoção das potencialidades expressivas mediadas pela dimensão mágica, ritualística e ancestral, bem como para a facilitação da articulação entre diversos saberes por meio dos Eixos Integradores (HARTMANN, FERREIRA em CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 2018, p. 73).

Levando-se em conta as possibilidades de leitura, ressignificação e interpretação da vida com reforço de identidade e lugar de fala em seu meio, este trabalho se justifica pela necessidade da verificação efetiva da forma como ocorre a mediação do professor de Artes, surpreendendo positivamente a comunidade escolar e à luz da ética. Busca-se, assim, a valorização de caminhos ancestrais e a descoberta de novos horizontes poéticos pelos estudantes, que se apropriam da estética teatral e seus respectivos signos, arquétipos e rituais, durante os procedimentos de arte-educação, para estudo, concepção e apresentação de uma cena dramatúrgica no exercício da releitura artística, com ressignificação pelo olhar contemporâneo da juventude.

II – CENÁRIO TEÓRICO

Como se fundamenta o pensamento

2.1. A poesia

Aristóteles viveu na Grécia Antiga e suas diretrizes sobre a poética são princípios fundamentais até os dias de hoje. No livro *Poética*, temos definições sobre teatro ocidental e até quanto à figura do ator, temos ali seu surgimento explicado como mais um elemento da dramaturgia. A arte ganha uma importância de valor fundamental para ressignificar o cotidiano porque o sentido universal da existência humana fica

condicionado à fruição estética, que é a poética em ação. “A poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular” (ARISTÓTELES, 2000, p. 115). Temos então uma valorização da ampliação do imaginário, o que nos possibilita não apenas refletir o mundo, mas também refletir sobre o mundo.

Dentre os autores a serem trabalhados, escolhemos Shakespeare para refletir sobre as polaridades existentes na vida, inclusive pelas particularidades do nosso público em questão: os pré-adolescentes. Salientemos que, nos últimos tempos da nossa atual fase pós-contemporânea e pós-covid-19, o mundo vive mergulhado em polaridades, especialmente no cenário da política interna brasileira. Quanto à externa, vemos como o ódio cultivado pelos homens mais maduros das diferentes nações coloca os jovens para se matarem nos campos de batalha ou até mesmo para morrerem quando quietos em suas casas. Adicione a esse contexto infeliz e confuso da atualidade os questionamentos próprios do indivíduo na puberdade, com toda a dualidade criança/adulto.

Amor de ódio, ódio apaixonado,
Tudo que pelo nada foi criado,
Leve peso, vaidade circunspecta,
Disforme caos de deslumbrantes formas!
Fogo gelado, mórbida saúde,
Desperto, sem ser o que for,
Esse o amor que sinto, sem amor
(SHAKESPEARE EM HELIODORA, 2007, p. 42-43).

O maior dos dramaturgos é para ser lido e relido, contextualizado, reproduzido e difundido como inspiração. Optamos por colocar o olhar contemporâneo da juventude na releitura artística e temos certeza de que trabalharemos não só com algo que seja teatro, mas também que é muito poético. O primeiro diálogo entre *Romeu e Julieta* é um soneto, uma releitura poética de tantos casos de amor que a arte de contar histórias já cuidava de transmitir de forma oral. Nós estamos então ressignificando as ideias de alguém que optou igualmente pela ressignificação.

Há quem reclame que Shakespeare não inventasse sempre enredos originais. É verdade que ele buscava seus temas em obras conhecidas, porém sua visão dos mesmos fatos era diferente da contida nas dos outros autores, e o resultado era perfeitamente original (HELIODORA, 2008, p. 62).

Assim, vamos dar voz ao menor de idade para traduzir seu cotidiano no campo da poética, por meio da ressignificação dramaturgica de William Shakespeare, Ariano Suassuna e Maria Clara Machado.

Em dados momentos de nossa vida, a criatividade parece afluir quase que por si e dotar nossa imaginação com um poder de captar de imediato relacionamentos novos e possíveis significados. Representam circunstâncias especiais, sem dúvida importantes, em que nos sentimos mais produtivos e mais criativos (OSTROWER, 1978, p. 55).

Temos uma sala de aula diferenciada na escola, não só pela decoração nas paredes que trazem mestres das artes visuais, mas também porque são apenas três grandes mesas de trabalho geralmente em grupo. Nas paredes, temos ainda trabalhos que realizamos e reportagens inspiradoras do fazer artístico, incentivando também a leitura de uma maneira geral para atualizações sobre o mundo. A escola possui sistema de som e instrumentos musicais. Temos também, na nossa sala de artes, alguns elementos cênicos, como figurino, objetos e acessórios, sem falar em peças do cotidiano inusitadas, justo para ampliação do imaginário. As práticas pedagógicas próprias das aulas de artes precisam ser feitas em ambiente adequado à concentração, observação e ampliação do imaginário. Assim, temos réplicas de obras significativas da humanidade, releituras dos próprios alunos, mala com figurinos, reportagens de jornais, livros de arte, revistas de arte, placas com dizeres poéticos, frases parodiadas, *pop art*, fantoches, tintas, pincéis, objetos cenográficos e projetor de vídeo.

As circunstâncias especiais para a criatividade e poesia não são restritas ao acaso, há que se regar o espírito do artista de todas as formas; afinal, as práticas de ensino e aprendizagem devem ser sistematicamente organizadas numa metodologia de

constante crescimento e revisão. Vamos oferecer aos estudantes pré-adolescentes as condições adequadas para a descoberta de horizontes criativos e poéticos, para o reforço identitário e o sentimento do pertencer.

2.2. O teatro

DRAMATURGIA

O teatro que praticamos com os estudantes tem no texto seu foco primordial. “Costuma-se conceder prioridade ao texto, na análise do fenômeno teatral” (MAGALDI, 2003, p. 15). **Trabalhamos com a tríade texto, ator e plateia, sendo que consideramos principal, para esta pesquisa, o ato de escrever mais que a montagem teatral.** O tempo investido nos ensaios para apresentações consumiriam momentos de reflexão e mais textos escritos, justamente nossa ênfase escolhida. O pensamento e a verbalização têm muito poder na observação, contextualização e coesão de ideias.

O fato de alguns espetáculos apresentarem um ator calado não significa que não haja texto, dada a importância do texto não verbal. Não podemos deixar de mencionar um grande pensador das artes cênicas que prefere definir teatro sob outro espectro, baseando-se na própria história e evolução da arte. Grotowsky valorizou sobretudo a verdade cênica, sublimando a interpretação teatral justamente com uma palavra polêmica: “pobre”. Ele queria um teatro pobre, mas pobre de coisas supérfluas, ao olhar dele, como cenário, figurino, adereços. Assim, a magnitude do representar concentrava-se no corpo e na expressão do ator, que teria de fazer até as unhas se expressarem:

O teatro pode existir sem figurinos e cenários? Sim, pode. O teatro pode existir sem trilha sonora para acompanhar a trama? Pode. Ele pode existir sem efeitos de luz? Claro que pode. E sem texto? Também. A história do teatro confirma isso. Na evolução da arte teatral o texto foi um dos últimos elementos que apareceram (GROTOWSKY, 2011, p. 25).

Como escolhemos William Shakespeare, por ser teatro e muito poético, há de se priorizar o texto, contextualizá-lo e lançar o olhar contemporâneo da juventude sobre o que se nos apresentar de inspirador. Precisamos também buscar assessoria literária para não só traduzir para nossa língua, mas também nos situar na história, política e

costumes. Por exemplo, sobre *Ricardo III*, diz Barbara Heliodora:

A nobreza, no jogo do poder, fica do lado do que estaria interessado em garantir a preservação de seus interesses. Shakespeare ainda usará um momento da peça, a grande cena que ocupa todo o Ato IV, para dar uma noção exata da estranha relação de Ricardo com o poder, e sua efetiva falta de contato com a realidade das coisas (HELIODORA, 2007, p. 65).

Em respeito a todos os estudiosos citados, tomamos a liberdade de interpretar que a palavra “texto”, mencionada por GROTOWSKY, refere-se à fala do personagem e realmente há peças em que o personagem não verbaliza. Interpretamos como “texto” a linguagem do personagem verbalizada ou não, além da contextualização, porque considero também a leitura de mesa e todo o jogo teatral da apresentação, purgação e catarse. O teatro físico, como é chamado aquele com pouca ou nenhuma fala de personagens, também passa por todo o processo de linguagem próprio do ser humano com seus desejos, angústias e prazeres. Quanto à leitura de mesa, na prática, defendemos que é ler a peça, contextualizar, debater e imaginar diferentes concepções cênicas para a montagem teatral. Portanto, o mergulho no pensamento, com eventuais verbalizações a respeito, é inerente a qualquer tipo de expressão artística. É isso que valorizaremos na aplicação deste projeto com nossos estudantes: ler, contextualizar e produzir uma ressignificação dramatúrgica. Evidentemente haverá apoio total para os grupos que quiserem partir para a montagem teatral, além da produção escrita.

Lembramos também da proximidade que o teatro tem com a literatura e a necessidade de nos reportar também aos estudos linguísticos, para falar com mais propriedade do seu conceito e respectivos elementos. Segundo Margarida Salomão, “A linguagem é a capacidade da comunicação pelos signos verbais, que são eminentemente símbolos fônicos, embora haja semiose com correntes do corpo e da voz” (Xavier, Cortez, 2007, p. 185). É uma questão de muita beleza e detalhes, envolvendo palavras como texto, língua, linguagem, símbolos, sinais, signos e fonemas. Dessa maneira, ficamos atentos em que “Inegavelmente, toda e qualquer manifestação expressiva humana, seja ela tradicional (das antigas ou das novas tradições) ou não, tem um léxico próprio, que é capaz de dar conta de tudo que lhe diz respeito” (VELOSO, 2016, p. 93). Sim, uma manifestação sensível envolve significado, significante e principalmente um contexto cultural a ser referenciado.

VOZ

Como dominamos a técnica de colocação de voz para teatro, cabe-nos realizar exercícios práticos nesse sentido, ao tempo em que se cuide também da proteção do aparelho fonador jovem ainda em formação biológica. Comungamos desta mesma observação:

Mesmo que essas práticas incluíssem a emissão sonora da voz, quando o assunto se referia à expressão vocal do ator, na maioria das vezes, e com raras exceções, as técnicas e estudos me pareciam mais voltados para a voz cantada, em detrimento da sua voz falada, e eu não percebia uma atenção específica ao fenômeno vocal por meio de uma metodologia própria das Artes da Cena (COSTA, 2020, p. 9).

A comunidade escolar poderá ser convidada a assistir às cenas elaboradas pelos estudantes, então o professor deve cuidar para que seja escutado bem o que é falado. Por vezes, pela falta de tempo suficiente para preparo vocal do ator-aluno, é melhor filmar a cena e projetar, guardados os cuidados de respeito à utilização da imagem, principalmente por serem menores de idade.

Os estudantes gostam muito do trabalho de voz e postura corporal não só porque podem utilizar o aprendido para apresentar seminários em outras disciplinas e comparecer mais preparados nas entrevistas de estágio supervisionado. E digo mais, futuramente as pessoas descobrem que os recursos cênicos de corpo e voz, um dia praticados, ajudam no cotidiano, por exemplo: numa festa, loja, trabalho, empreendimento, paquera ou até luta por seus direitos.

TEATRO OCIDENTAL

Consideramos interessante relembrar que o presente projeto é de aplicação no ensino brasileiro e é costume pensarmos no fenômeno estético que ocorreu na Grécia Antiga, quando mencionamos a palavra “teatro”. Naquela época e país, conceituaram-se os textos como trágicos e cômicos; hoje há um leque maior, podemos acrescentar drama, farsa, auto, “vaudeville”. Em nossa contemporaneidade, chamamos de artes cênicas um grande “guarda-chuva” abrigando o teatro, a ópera, o circo e o teatro-dança.

Em termos do cotidiano de um professor de artes na escola em que trabalho e onde vivemos este projeto, temos como regra seguir o Currículo em Movimento da SEEDF, documento do qual destacamos o primeiro objetivo constante para o sexto ano:

“Conhecer a história do teatro da pré-história à antiguidade e teatro grego”. Para termos uma ideia de como nossas aulas de artes estão ligadas à Grécia, Roma e Inglaterra, constam os vocábulos “grego”, “romano” e “inglês” nos objetivos a serem alcançados com as aulas de teatro, para os anos finais do Ensino Fundamental; referem-se então a países onde o texto é importante para a cena teatral, ainda que no teatro romano menos que no grego e no inglês. Ainda falando sobre os objetivos do teatro que são escritos no Currículo em Movimento, não consta escrito “chinês”, “japonês” ou vocábulo referente a um outro país específico; tão somente lemos referências a outras regiões, etnias, continentes ou fases histórico-artísticas.

Neste projeto, não é nossa intenção discutir o mérito de objetivos e respectivo conteúdo do Currículo em Movimento, o qual conhecemos, devemos segui-lo e o temos seguido de fato. Vislumbramos realizar um projeto apaixonante, importante e dentro das diretrizes de ensino em vigor, desenvolvendo habilidades para atingir competências. Apaixonante por ser uma dramaturgia poética que amplia o imaginário da pessoa e importante porque os estudantes serão apresentados a novas oportunidades de verbalização dos seus desejos e receios, além da interdisciplinaridade possível envolvendo principalmente a leitura e a escrita.

2.3. A educação

INTERDISCIPLINARIDADE

Por falar em leitura, “... o país ficou na 63^a posição em ciências, na 59^a em leitura e na 66^a colocação em matemática” (G1, 2023, p. 1). Não pretendemos assim dizer que a leitura está melhor que ciências e matemática, e sim que nos preocupa a situação lastimável em que estamos, sob qualquer dos três aspectos citados na reportagem. Tomamos a liberdade de dizer que o presente projeto vem dar a sua parcela de colaboração para melhorar a leitura e escrita, tendo o texto dramático como instrumento de importância maior do que a etapa de montagem teatral. Serão cenas a serem trabalhadas e teremos que otimizar o tempo porque temos: base literária frágil dos estudantes; tempo não integral da permanência dos alunos na escola; carga horária pequena do ensino de artes comparada às outras disciplinas; e o imperativo de se cumprirem os demais conteúdos artísticos do Currículo em Movimento, quais sejam de teatro, artes visuais, dança e música.

CURRÍCULO EM MOVIMENTO

Quando enfatizamos a obrigatoriedade de aplicar o projeto e de ainda termos que seguir as diretrizes de ensino, não temos a intenção de colocar isso como problema. Ao contrário, consideramos uma vantagem a oportunidade de aplicação *just in time* da ideia e nos sentimos amparados por termos direcionamentos a favor da arte-educação. Além disso, metodologicamente, ministramos artes visuais, dança e música sempre que possível tendo este presente projeto como eixo central. Por exemplo, quando realizamos desenho a doze mãos, estamos desenvolvendo o trabalho em equipe, tão importante para a criação coletiva do jogo teatral. A comunidade vivida pelo corpo discente é outro ponto de importância em nossas aulas, para ressignificação da dramaturgia poética a ser lida:

Para Hartmann e Ferreira (2010), o professor necessita assumir-se como agente transformador, considerando os aspectos político, social e cultural, e tendo em vista que as abordagens pedagógicas contemporâneas em arte-educação têm enfatizado a seguinte distribuição em sala de aula: a criação (prática), a apreciação (formação de público) e a contextualização (atenção às peculiaridades da cultura e da sociedade em questão) (CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 2018, p. 73).

A contextualização da leitura e da escrita será vista caso a caso porque temos público de cenários muito heterogêneos quanto a recursos financeiros, base curricular, laudos psíquicos, religião e ideologias. Será mais trabalhoso por exigir mais atenção na distribuição das atividades e nas análises; em contrapartida, a diversidade vai trazer mais riqueza de cenários sociais nos resultados. Salientamos que contamos com a orientação do ProfArtes – Programa de Mestrado Profissional em Artes da UnB, para aplicação do projeto no CEF 104 Norte – Centro de Ensino Fundamental 104 Norte, no âmbito da Regional Plano Piloto, da Rede Pública de Ensino do DF.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Nosso espectro de observação conta com 30 alunos do 7º ano, dentre os cento e oitenta, e são todos de menor idade; logo, temos que observar também o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. O professor é um sujeito ativo, por exemplo, na sinalização de abusos aos órgãos competentes, conforme o artigo 245 daquele

estatuto.

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de Ensino Fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente (ISHIDA, 2016, p. 744).

Preservar a imagem dos menores de idade é uma preocupação constante que temos também, então as fotos e filmagens não mostrarão o rosto deles, a não ser que o responsável o autorize.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

É importante contemplar também o papel de inclusão social necessário na arte-educação. Temos estudantes com laudos especiais, o que os inclui no direito às adaptações e nos oportuniza aprimorar o respeito às diferenças, além de ganharmos assim mais bagagem sobre a vida. Todos podem se desenvolver, cada um ao seu modo.

... a garantia constitucional e seus desdobramentos em políticas educacionais se caracterizou como um avanço histórico no contexto da formação social brasileira, no processo de modernização econômica e aburguesamento sociocultural da nação, embora sua materialização tenha ficado restrita aos interesses e à lógica do capital (MALANCHEN, MATOS, ORSO, 2020, p. 212).

O apoio aos estudantes, com necessidades específicas ou não, deve ir além do normativo porque as particularidades são muitas, com ou sem laudo, cada pessoa é um universo disposto a entender o espetáculo da vida e oferecer a sua parcela de contribuição ao sublime das manifestações artísticas.

ENSINO DE QUALIDADE

No ensino das Artes, às vezes, ocorre de o professor ter vivência profissional como artista, então deve enriquecer as suas aulas oferecendo, no caso específico de nosso trabalho, técnicas teatrais adquiridas fora da faculdade de licenciatura. “A ação docente envolve, portanto, técnica e sensibilidade. E a docência competente mescla técnica e sensibilidade orientadas por determinados princípios, que vamos encontrar num espaço ético-político” (RIOS, 2010, p. 99-100). Temos consciência do nosso atual exercício envolvendo tanto arte como educação, com foco no crescimento do ser humano de forma integral. Não podemos nos esquecer que, para um produto artístico profissional, geralmente se trabalha com a exclusão daqueles que não se adaptam ao espetáculo, ao que foi concebido ou ao que foi exigido pelo patrocinador. Ao contrário, na escola, o importante está no ângulo da inclusão e superação, sendo importante o resultado positivo do processo de desenvolvimento das potencialidades individuais, com respeito pelos limites igualmente individualizados por avaliação formativa contínua.

CONHECER O PÚBLICO

Por falar nas particularidades dos professores, ou especialidades, se for o caso, um fato já ocorrido e de suma importância para este projeto precisa ter ênfase na dissertação. Com toda a bagagem e saber que possua o mestre, o facilitador, o condutor, o regente, o pai, o mais velho, tome-se cuidado com o ar enganoso da superioridade. Iniciamos os trabalhos em 2023, ao tempo em que houve também a matrícula no ProfArtes UnB, colocando-nos numa situação superior de cidadão experiente, na intenção de aprofundar a visão de mundo da juventude e oferecer “o” caminho para o sucesso. Que ingenuidade, pois descobrimos, ainda bem que logo depois de iniciarmos o ano letivo, a necessidade de descer da plataforma, digo isso em alusão àquele tablado em nível superior, colocado para os professores nas salas de aula do século passado.

Nossa crítica, na realidade, traz como foco aquela juventude guiada pelos modismos, pela cultura do consumo desenfreado, das noites de excesso, dos relacionamentos numerosos, sem se darem conta de que está ausente a reflexão individual (ESSER, 2023, p. 17).

Com todo o respeito a tudo que o citado artigo acima me ensina, não podemos partir da mesma premissa ou ter esse mesmo foco. Lembremos que o corpo discente está traumatizado por dois anos da pandemia Covid-19. Percebemos inclusive uma espécie de “apatia corpórea” talvez porque tenham ficado muito tempo reclusos e quase imóveis, não por terem adotado modismos, e sim por serem prisioneiros do destino pandêmico que nos assolou em 2020 e 2021. Notamos também uma paixão maior pelas artes visuais, quem sabe por ter sido uma expressão artística disponível na época da reclusão nos domicílios. Coincidentemente, o que colaborou para o desfecho trágico em *Romeu e Julieta*, impedindo uma carta de chegar ao destino, foi uma questão grave de doença coletiva. “O impedimento era algo contra o que Deus não conseguiria atuar: a peste bubônica” (CASTRO, 2021, p. 136). O professor tem que estar no mesmo nível do estudante, num misto de empatia e humildade, se quiser de fato saber o que se passa no corpo e na alma dessa juventude. Descubro, a cada dia, riquezas nos desejos dos mais jovens e receios de um mundo confuso, herdado justamente daqueles que se acham cidadãos experientes. Conhecer antes o público é o que impera nos trabalhos de qualquer espécie, aqui não será diferente!

Em *Romeu e Julieta*, peça principal dentre as que indicamos, optamos por não trabalhar cenas de morte. Tivemos o cuidado e apoio da colega da biblioteca da escola em selecionar adaptações destinadas ao público infantojuvenil. Estamos certos de que os sentimentos de séculos passados podem ser arquétipos para a atualidade porque o ser humano amadureceu as máquinas, mas sem amadurecer a ele próprio. “Às vezes você encontra uma pessoa com fanatismo medieval, mas que conhece a Inteligência Artificial” (GALVÃO, 2023). As emoções atravessam as épocas e podem se valer da catarse causada pelo exercício teatral para reflexões sobre os conflitos. Não queremos dizer que não há diferenças entre nossos estudantes meio século mais novos que eu, preciso sempre buscar entender o que dizem por meio deles próprios, das máquinas e das redes sociais. A problemática envolve a parcela de colaboração de cada profissional do magistério para as práticas em vigor, paralelamente ao exercício necessário da obediência às regras. Segundo o Prof. Paulino José Orso:

Diríamos que, quando não está em questão a transformação da realidade e do mundo, quando se trata de reproduzir a sociedade e as relações de produção existentes, não há necessidade de considerar

ou discutir teoria. Para isso, qualquer prática serve. No entanto, o mesmo não ocorre quando se trata de transformar a realidade. Aí não basta qualquer teoria. Afinal, se a prática está articulada à teoria, só uma teoria transformadora pode possibilitar uma prática também transformadora (MATOS, SOUSA, SILVA, 2018, p. 70).

Para uma ação transformadora da realidade, precisamos conhecer a realidade, aprender sobre a forma com que eles se comunicam, ainda não bem discriminada nos dicionários oficiais e nem mesmo no Google. Preferimos consultar nosso próprio dicionário constante aqui desta dissertação, sob o nome de Dialeto Candango Pós-Contemporâneo, construído com os ensinamentos do corpo discente.

DIVERSIFICAR HORIZONTES

Já comentamos sobre o motivo da predileção em valorizar o texto e praticar o teatro como assim é chamado no mundo ocidental; contudo, os estudantes têm o direito de ser apresentados a outras formas de artes cênicas, inclusive de outras etnias, regiões e culturas. Nas artes cênicas, é comum a reunião de outros tipos de artes, como a música, para enriquecer a manifestação cênica e deleite da plateia. Nosso foco é a cena, mas o brasileiro é muito musical e precisamos verificar o que ocorre com o cenário dos gêneros de música e respectivos ídolos, o que hoje se confunde um pouco com as chamadas celebridades. O professor deve sempre parar para pensar sobre a defasagem de idade e ideias entre ele e o corpo discente, assim como ampliar o seu próprio horizonte sobre a contextualização do mundo atual... não é só o menor de idade que precisa olhar para o passado durante a caminhada presente e construção do futuro.

Não podemos deixar de considerar que muitas de minhas alunas e alguns dos meus alunos gostam do *K-POP*, gênero próprio de cantores dançantes coreanos da atualidade. Por outro lado, ficamos surpresos porque Hollywood pretende colocar James Dean, 70 anos após a sua morte, no elenco de um próximo filme com a ajuda da inteligência artificial, tomando o lugar das celebridades do atual universo juvenil.

As gerações anteriores tiveram acesso, por meio do rádio, às músicas dos seus pais e avós, quer seja caipira, samba, clássica, blues, soul, MPB ou bossa nova. Hoje, apesar do poder abrangente da internet, a mídia “martela” na cabeça das meninas e meninos brasileiros não mais que meia dúzia de gêneros, quais sejam: funk, sertanejo, axé e “sofrência” – é bom isso? “Eu sou contra a incapacidade ou a falta de veiculação dos demais estilos musicais, afinal a música brasileira é riquíssima, ela é diversa”

(ESPIRITUS, 2023). Seria preconceito dizer que é bitolado e superficial navegar assim tão restrito em termos de variedade de gêneros musicais e com letras que têm compulsão por falar de ócio, correntes de ouro, glúteos, traição e dor de cotovelo? A escola tem a obrigação de ampliar os horizontes, não apenas com informação, mas também com o desenvolvimento do senso crítico, contextualização, formação do conhecimento e produção de conteúdo, inclusive artístico. Não consideramos indevido e temos exercitado trazer coisas diferentes do que martela a mídia atual na cabeça das pessoas. Por exemplo, já trabalhamos bossa nova e valsa austríaca com os estudantes, mas logicamente dentro de um cenário de contextualização dos objetivos a serem alcançados no ensino das artes.

ESTÉTICA COM ÉTICA... se não for pleonismo!

No caso da arte-educação, os atores-alunos também se valem muito da mensagem produzida, pois foi fruto de reflexão deles próprios. Esse exercício de criação coletiva é saudável por ser democrático, por favorecer a múltipla aprendizagem com informações em duas vias e finalmente por culminar com um produto, resultado de trabalho em equipe e consequente diversidade de ideias.

Apesar da ausência no Ensino Fundamental das disciplinas de Filosofia e Sociologia, ou justo por tal ausência, a arte-educação vem suprir alguma necessidade da formação identitária dos estudantes. Por exemplo, ao se trabalhar a peça *Medida por Medida*, de William Shakespeare, o debate sobre ética se torna muito rico porque o jogo dramático da cena atrai a atenção da pessoa e a convida para refletir sobre a questão. As linhas tortuosas da vida, que trazem o erro travestido de acerto, têm um lugar importante no debate. “Deixe que eu viva, doce irmã. Pecado para salvar vida de irmão, a Natureza trata de tal modo que se torna virtude” (SHAKESPEARE, 2004, p. 82). O dilema ético e moral na vida pública e privada é uma questão ancestral e universal, e considero apropriada a releitura artística e o debate a respeito, visto que as atividades didático-pedagógicas decorrentes dessa investida são de grande valor para reflexão sobre os valores da sociedade, desenvolvimento do senso crítico e estopim para “disparos criativos de raciocínio” – está na moda denominar de *insights*.

Trabalhar o respeito às diferenças e direitos humanos constitui também uma parcela na bagagem ética da formação do estudante de uma maneira integral. Dispomos de literatura e *links* de vídeos no *youtube* apropriados, que não se resumem ao ensino específico das artes, justamente para o exercício multidisciplinar.

Adivinhem qual foi a primeira coisa que Malala pediu que levassem para ela no hospital, quando acordou? Livros! Devagarzinho, ela começou a ler e a escrever. Já respirava melhor e, aos poucos, voltou a falar e a ouvir. Ela emocionou o mundo com um discurso feito na ONU (CARRANCA, 2017, p. 80).

Debater o acesso à informação e refletir se existem direitos iguais, a partir da história de uma pessoa com sede de saber e, na verdade, proibida de ir à escola, é assunto obrigatório e sempre atual.

ARTE E TECNOLOGIA

O corpo docente também deve sair da posição de conforto; assim, nós, imigrantes digitais, devemos nos render à importância das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para o ensino de atualidade, mesmo porque fazem parte do mundo dos alunos, nativos digitais. Fazemos referência, nesta dissertação, ao trabalho realizado em parceria com um colega, mestrando igualmente do ProfArtes UnB, apresentado à disciplina de Elaboração de Projetos e Tecnologias Digitais para o Ensino das Artes, deste mesmo programa da UnB, em sistema EAD com a UFU – Universidade Federal de Uberlândia. Nós abrimos o leque de oportunidades de montagem teatral, voltando-se para a oportunidade de realizar a montagem teatral, adaptada para a técnica *stop motion* de filme de animação, utilizando-se os celulares.

2.4 Arteterapia

Temos bem certeza de que o trabalho de um arte-educador não é da área da saúde, e sim da educação, tanto assim que se exige curso de licenciatura.

A medicina psicossomática ou as novas tendências da medicina chamada alternativa, complementar ou holística, permitem uma nova percepção leitora do paciente em relação a ele mesmo e à cura. É uma percepção que eleva a uma atitude participativa e colaborativa no restabelecimento do corpo, talvez, desorganizado. Uma organização estética, no corpo ou na palavra, permite uma recriação saudável. A arte em geral e a literatura em particular são fontes de restauração e de vitalidade (KIRINUS, 2011, p. 101).

O que ocorre é que, mesmo que não se tenha a intenção de praticar a terapia, a arte é terapêutica por si só, além da sua função fundamental por definição, qual seja a

da expressão sensível do ser humano por meio do visual, cênico, dançante ou musical, de forma amadora ou profissional. Nosso público é composto de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, logo pessoas que ensaiam deixar de ser crianças para se aventurar na vida adulta.

O indivíduo pode manter privadamente padrões de comportamento nos quais pessoalmente não acredita; mantendo-os por uma viva crença de que uma plateia invisível está presente, a qual punirá os desvios desses padrões (GOFFMAN, 2005, p. 80).

As polaridades, os paradoxos e os questionamentos permeiam o cotidiano desses jovens quase sempre inseguros com a sua própria imagem e pensamento. Principalmente quando estamos trabalhando dramaturgia, encaminhamos, por vezes, estudantes para uma conversa com a orientadora educacional, que, por sua vez, pode redirecionar para o serviço de psicologia, a depender do caso. O que posso dizer é que já ouvi frases do tipo: “professor, eu me sinto perdida”, “não gosto de falar porque tenho voz de *viado*”, “quero morrer para me livrar de algumas coisas da vida”, “eu tentei o suicídio”, “família é desespero”, “tenho insegurança comigo mesmo”, “professor, eu preciso arranjar dinheiro”, “pelo amor de Deus, me arranja um emprego, deixa eu ser sua secretária”, “eu acho que o meu pai me olha esquisito”.

Não temos pedido para contarem a vida de cada um, as atividades são com personagens que os próprios menores criam e os fazem falar.

Esse fascínio natural que a criança sente pela palavra e toda sua dinâmica de imaginação normalmente fica reprimido na sala de aula, uma vez que os professores apreciam somente o valor funcional e pragmático da linguagem e ignoram todo o seu potencial estético, representado na voz da criança (KIRINUS, 2011, p. 101).

Em respeito à pessoa e respectivas necessidades, além do exercício de dramaturgia propriamente dito, incentivamos o estudante a sempre ver o lado bom das coisas e buscar uma luz adiante, nos papéis e situações da cena, pois estamos falando da criação dele. Acontece que surge a vontade de verbalizar sobre a própria vida, o que acaba sendo automático porque dramatizamos o que sabemos do mundo ou o que pretendemos saber, pensar e imaginar. Os signos teatrais estão a serviço da expressão do dramaturgo, que tem a sua vida movida não só por sua individualidade, mas também pelos sinais, rituais e conceitos construídos na história.

Nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muitas coisas dependem das suas qualidades mentais e morais. Para as observarmos na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem quanto o seu presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos (JUNG, 2008, p. 69).

Consideramos particularmente que toda época é momento de convulsão social, menor ou maior, somos sempre muito mutantes. O interessante é que algumas mudanças parecem andar para trás; contudo, não deixam de ser uma alteração de ordem, questionadora ou transitória, muito difícil de encaixar no conceito de certo/errado. De qualquer modo, se vamos trabalhar dramaturgicamente, temos que pensar em arquétipos e procurar decifrar o que ocorre com os personagens, então fatalmente pensaremos a vida, nós mesmos e os outros.

O quebra-cabeça na construção do ser é dinâmico e complexo, com envolvimento conjunto de família, escola e sociedade. “O acúmulo de casos parecidos se encarrega, então, de munir nossas tentativas, de início tímidas, da necessária certeza” (FREUD, 2014, p. 201). Sim, a experiência é muito importante, mas caberá ao profissional do magistério respeitar e não invadir o campo de trabalho de orientadores educacionais e psicólogos – a linha de divisão das responsabilidades é tênue, quando se trata de profissionais dedicados e interessados em resolver as questões diversas do ambiente didático-pedagógico.

2.5 Disciplinas cursadas na UnB

De fundamental importância, as disciplinas trouxeram um caminho para embasamento das ideias iniciais, no sentido de complementar e até mesmo dar uma pequena guinada de melhoria no desenvolvimento da dissertação. Revisei inclusive o problema de pesquisa e aprendi que não é negativo problematizar, muito pelo contrário. “Um problema é sempre uma falta de conhecimentos” (LAVILLE, DIONNE, 2007, p. 11). Parece óbvio... e é mesmo; mas, se a gente não ler a literatura adequada e não parar para pensar a respeito, perde a oportunidade de realizar a pesquisa com um padrão aceito e firme em algum foco realmente dentro do escopo escolhido.

Estudamos a cena teatral brasileira, dentro do que precisamos para o projeto porque temos foco na valorização do texto dramático. Assim, tivemos a oportunidade

de aprofundar os conhecimentos na área, especialmente com uma rica contextualização e detalhamento do engajamento do teatro como resistência no Brasil. Ficamos com uma visão mais crítica da história do teatro brasileiro, com ênfase na temática das intolerâncias da sociedade. Destacamos um trecho de um dos livros do professor da disciplina *Poéticas da Cena e Texto Teatral*:

Todos, chefes, parentes e agregados, se equivalem, nivelam-se do ponto de vista moral. As leis que regem esse mundo, denunciadas à base de galhofa, nos reportam ao hedonismo, ao quero me dar bem imediatista e, por caminhos afins, à venalidade e à irresponsabilidade ideológica (MARQUES, 2014, p. 222).

No caso, a crítica refere-se à peça *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*, de Vianna Filho e Ferreira Gullar, e a coloco como exemplo de estudos e reflexões com que tivemos a oportunidade de ter contato, aumentando a bagagem na dramaturgia. Isso influi também logicamente na capacidade de trabalho como professor porque vale o crescimento do mestrando como pesquisador da cena teatral, pelo maior leque de possibilidades na contextualização e reflexão.

Tivemos acesso também a ensinamentos de professores sobre o cotidiano do ensino básico e seus problemas variados. Tornamo-nos mais flexíveis, mais humildes e tivemos a oportunidade de consolidar o que pensamos ser a causa dos maiores desvios de finalidade na vida dos docentes e discentes. Destacamos o olhar de uma das professoras da disciplina *A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola*:

O compartilhar de experiências, tanto no ato de narrar quanto de ouvir, vivenciados em sala de aula e outros espaços, despertando novos contadores, pertence ao princípio metodológico que apoia meu ofício de docente e de narradora no diálogo construído com as experiências dos envolvidos (CAFÉ, 2020, p. 41).

Vem ao encontro do que pensamos sobre a importância de conhecer o público por volta de 12 anos de idade; além de que fazemos parte do universo da arte de contar histórias. Como é importante conversar com o corpo discente, o perguntar e o ouvir efetivamente. Ao tomarmos consciência do ambiente e público, somos levados a sentir

empatia e ter flexibilidade nas decisões; as situações nem sempre são previsíveis e não é comum que já estejam bem sistematizadas na literatura. O cenário quase nunca é idêntico ao que já ocorreu antes porque somos uma metamorfose ambulante, como diria o compositor Raul Seixas.

Não posso deixar de salientar a importância de ter cursado disciplinas que enfatizam como a tecnologia está ou deveria estar na ordem do dia de um arte-educador, com embasamento teórico e prática de escrita sobre a questão. Além disso, aparentemente paradoxal, tive a oportunidade de aprender formalmente sobre os estudos críticos da *decolonização* e *etnocologia*, sobre os quais eu só ouvia falar informalmente ou pelos jornais. É imperativo que a postura de professor seja ética, crítica e afirmativa pela qualidade do ensino, neste Brasil mestiço nas cores de pele e sincrético nas crenças, envolto em cenário político polarizado e surpreendente pela mesmice das piscinas cheias de ratos (como diria Cazuza), com histórico de povos originários e povos colonizadores, num cenário ainda presente de escravagismo, racismo e domínios oligárquicos.

III- CENÁRIO METODOLÓGICO

Como se implementou academicamente

Para respondermos sistematicamente aos questionamentos desta pesquisa-ação exploratória, etnográfica e qualitativa, levamos em conta o que vivemos com os ensinamentos da academia. Referimo-nos assim à orientação do mestrado, aos ensinamentos das disciplinas cursadas e às observações que recebemos da banca de qualificação (precede a banca de defesa); além de toda a literatura revisitada por iniciativa própria ou indicação. Debruçamo-nos para estabelecer uma metodologia de pesquisa em arte, onde conhecer o corpo discente e não supor que o conhecíamos passou a ser fundamental. Outro leme, ao qual nos dedicamos, foi não considerar o professor uma luz para facilitar a criação, mas sim um facilitador para enxergar uma luz no processo da criação. O emprego da palavra "luz" aqui não tem a ver com religiosidade, mas sim com o sublime do fazer artístico. Paralelamente, devido ao fato relevante de já termos tido 6.500 alunos de arte, com muitas histórias deles para contar, fomos incentivados a dar uma importância maior ao viés etnográfico que o trabalho poderia ter de significativo para um resultado acadêmico.

Como estabelecer o foco num panorama assim desafiador? Ou qual dos

problemas escolher como foco? Podemos resumir que o problema é ansiedade? Digo isso em alusão ao livro *A Geração Ansiosa*, de Jonathan Haidt. Ou seria melhor dizer que **o problema da pesquisa seria dar voz à pré-adolescência na arte-educação, apropriando-se de temas ou cenas clássicas de Shakespeare, Maria Clara Machado e Ariano Suassuna, para reforço de identidade e sentimento de pertencimento, na ressignificação para o seu contexto social, cultural e de valores pessoais?**

Diante disso, surgem as perguntas:

- 1 – Quem é a população a ser analisada e fundamentalmente pelo que se interessa, considerando o trabalho dramático, quer seja uma criação totalmente própria ou inspirada em outra a ser lida e apropriada? Trinta pessoas com média de idade de 12 anos, mas quem são em maiores detalhes? Precisamos saber como se identificam, onde moram, descrição da escola... Dispomos para tanto de dramaturgias significativas, com classificação indicativa apropriada para a pré-adolescência; autorização dos responsáveis para utilização acadêmica da entrevista e do produto do processo criativo.
- 2 – Qual a avaliação da população representativamente escolhida?
- 3 – Qual o impacto causado no reforço de identidade e consequente sentido de pertencimento?

A aplicação metodológica consta do item 4.8.1 porque resolvemos deixar assim claro que, só depois do piloto, conseguimos detalhar os passos de como chegar a dar voz de fato à juventude, explicando inclusive os instrumentos de pesquisa e maneira de análise.

3.1. Cronograma

ATIVIDADES	2023		2024	
	1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.
1. Aperfeiçoamento e definição do projeto		X	X	
2. Acompanhamento do projeto	X	X	X	X
3. Tutoria com o orientador	X	X	X	X
4. Leitura, estudo das fontes e fichamento das leituras	X	X	X	
5. Curso das disciplinas presenciais e a Distância	X	X	X	
6. Contato com os sujeitos da pesquisa	X	X	X	X

7. Elaboração dos instrumentos para o recolhimento dos dados qualitativos		X		
8. Trabalho de campo e regência de classe	X	X	X	X
9. Sistematização, análise dos dados, práticas pedagógicas/montagem e apresentação das releituras		X	X	X
10. Redação da dissertação		X	X	X
11. Qualificação			X	
12. Conclusão da dissertação				X
13. Marcação da banca de defesa				X

3.2. Processo de orientação

Desde o primeiro semestre de curso na UnB, a troca de ideias com o orientador teve um trâmite tempestivo, competente e transparente. O trabalho tem foco importante na dramaturgia e o Prof. Fernando Marques é um expoente nessa área; além disso, frequentamos a disciplina sob sua condução *Poéticas da Cena e Texto Teatral*. No segundo semestre de 2023, a disciplina *Elaboração de Trabalho de Conclusão Final 1*, sob condução do Prof. Paulo Bareicha, nos possibilitou conversar mais ainda sobre a pesquisa – foi proveitoso ter conversado com ambos os professores, um na qualidade de orientador e o outro designado para ministrar aquela disciplina com viés de orientação. No que diz respeito às normas ABNT e português padrão formal, as observações do orientador são preciosas e minuciosas, o que me traz ainda mais segurança sobre a qualidade do documento final elaborado.

3.3. Fichamento das referências

Gostaríamos de salientar que a revisão de literatura teve foco na parte didático-pedagógica, artística e dramaturgical. Assim, evidenciamos nomes como Sábato Magaldi e, por termos William Shakespeare como eixo central, lemos com ênfase maior a estudiosa Barbara Heliodora. Ana Mae Barbosa é importante para o arte-educador e norteia também nossa pesquisa, sendo que a metodologia se reporta principalmente a La Ville e Dione. Pelo efeito terapêutico da arte, estudamos Carl Jung para conhecimento do ângulo psicológico, cuidando para não ultrapassar a linha entre a nossa arte-educação e o campo da arteterapia. Pelo viés etnográfico que abraçamos, no curso da

pesquisa, revisitamos alguns livros de psicologia social.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

FONTE	TIPO	MATÉRIA	PÁG.
Dramaturgia como performance alegórica	Artigo	Dramaturgia	44
Voz aos pedaços	Artigo	Arte-Educação	55
Com saber, sentido e beleza	Artigo	Arte-Educação	14
Histórias da nossa história	Artigo	Contação de histórias	31
A posição do narrador no romance contemporâneo	Artigo	Literatura	48
Bertolt Brecht e palhaçaria	Artigo	Teatro	396
A releitura no ensino de arte	Artigo	Arte-Educação	2

CENÁRIO TEÓRICO

FONTE	TIPO	MATÉRIA	PÁG.
Poética	Livro	Poética	115
Falando de Shakespeare	Livro	Shakespeare	42-43
O teatro explicado aos meus filhos	Livro	Shakespeare	62,65
Iniciação ao teatro	Livro	Teatro	15
A construção do pensamento e da linguagem	Livro	Educação	130
Para um teatro pobre	Livro	Teatro	25
Conversa com linguistas	Livro	Linguística	185
Paradoxos e paradigmas: a etnociologia, os saberes e seus léxicos	Artigo	Educação	93
A ação vocal em jogo	Artigo	Teatro	9
ECA – Doutrina e jurisprudência	Livro	Direito	744
Malala, a menina que queria ir	Livro	Direito	80

para a escola			
Do amor e outras mortes	Artigo	Arte-Educação	136
De Romeu e Julieta ao amor líquido	Artigo	Arte-Educação	17
A ação vocal em jogo	Artigo	Arte-Educação	9
Conferências introdutórias à psicanálise	Livro	Psicologia	201
O homem e os seus símbolos	Livro	Psicologia	69
A representação do eu na vida cotidiana	Livro	Psicologia	80
Synthomas de poesia na infância	Livro	Psicologia	101
Pedagogia histórico-crítica – Revolução e formação de professores	Livro	Educação	70
A pedagogia histórico-crítica – Políticas educacionais e BNCC	Livro	Educação	212
Com os séculos nos olhos	Livro	Teatro	222
Criatividade e processos de criação	Livro	Artes	55
Compreender e ensinar	Livro	Educação	99-100
Medida por medida	Livro	Dramaturgia	82
A construção do pensamento e da linguagem	Livro	Educação	130
A construção do saber	Livro	Metodologia	11
Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz	Livro	Contação de histórias	41

CENÁRIO METODOLÓGICO

FONTE	TIPO	MATÉRIA	PÁG.
Etnografia e observação participante	Livro	Método	86
Como se faz uma tese	Livro	Padrão	87
Como elaborar projetos de	Livro	Projeto	17, 20

pesquisa			
A construção do saber	Livro	Método	41
O mestre ignorante	Livro	Filosofia	176-177

CENÁRIO DE PRODUÇÃO, ANÁLISE DE DADOS E CONSIDERAÇÕES

FONTE	TIPO	MATÉRIA	PÁG.
Improvisação para o teatro	Livro	Arte-Educação	3
Pós-graduandos stricto sensu, a pesquisa e as condições de trabalho	Livro	Educação	86
O animal social	Livro	Antropologia	111
Nação dopamina	Livro	Psiquiatria	110
Nação tarja preta	Livro	Psiquiatria	74
A geração do quarto	Livro	Sociologia	15, 56
A geração ansiosa	Livro	Psicologia	62

3.4. Fotos e vídeos do processo

Criamos a conta *profartes_carlosneves*, endereço eletrônico https://instagram.com/profartes_carlosneves?igshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==, na rede social digital *Instagram*, para mostrar o processo didático-pedagógico de cumprimento do currículo em movimento, ao tempo em que se atrelam as atividades à pesquisa sobre a qual ora dissertamos. Os registros ali disponibilizados apresentam uma ideia de como é importante planejar o ambiente e respectivas peças artísticas; valorizar quem ajuda a construir e manter; viver em harmonia com a arte-educadora do outro turno; participar dos projetos multidisciplinares; e conectar outros tipos de arte com as artes cênicas, haja vista a dramaturgia ser a coluna cervical do nosso projeto. Ainda que os responsáveis tenham autorizado o uso da imagem de várias crianças nos registros fotográficos e vídeos, optamos por não mostrar o rosto delas nem as identificar. Listamos dez *links* que consideramos dentre os mais significativos, para que se tenha uma ideia melhor da condução do processo, no que diz respeito às imagens capturadas desse nosso cotidiano produtivo:

1. O planejamento do ambiente só para começar a pensar em trabalhar:

<https://www.instagram.com/reel/CwzJisaOYkMUkrO27ONhUn7V0yyyH52SG53sJ00/?igsh=eDI3cG1wc3dtMTZ4>

2. A criação coletiva em teatro pode ser precedida por um trabalho de artes visuais em conjunto:

<https://www.instagram.com/p/CwgPzgIP2RMCXTkWKVuvKG7f5cWJceu2wVG70I0/?igsh=dm1lMHc0eWs0OHJ0>

3. A tecnologia é um instrumento de comunicação contemporânea que não deve ser desprezado:

<https://www.instagram.com/p/CwjBnq5px4-3wQ4J0RGJzNjiZ3PQ6b6FgA0kFs0/?igsh=NmsxaDRjdmOZODly>

4. Participação nos eventos multidisciplinares:

<https://www.instagram.com/reel/C4hAIXWPlsxzgf0ARLZYcz0fmaQuqxyfwLwRQM0/?igsh=M3RudHN4bmN3NTVp>

5. Prestígio às apresentações artísticas externas do corpo discente:

https://www.instagram.com/p/C02hdTQL8QPguQ1NSO5Ap_-h3FXK2Ota1_AkGA0/?igsh=MWlmbmJ4czJxa2t5cQ==

6. Entrevistas não formais e inusitadas:

https://www.instagram.com/p/C4g_Du7M6EvmbGLH5tage0Ja7R3VOe6iK1MRuY0/?igsh=MTBqYWh6M3lreGpteQ==

7. Harmonia no trabalho e relacionamento interpessoal:

<https://www.instagram.com/p/C4hKtIFsYhj6lL7BNsjpi9glQhqfYcaXaMdvLg0/?igsh=MXcxcWJld2E0aDdjcg==>

8. Apresentação da dramaturgia em stop motion:

<https://www.instagram.com/reel/C4hICnXM6FkkQO2Tvp3SsS5T4U2rzYINa2fTU0/?igsh=MTBscng5OGZpc2lqNg==>

3.5. Linguagem da pré-adolescência

Já mencionamos como valorizamos conversar com os estudantes, dando voz a eles falarem dos desejos, medos, aspirações e o que sobrevier. Para uma comunicação ter sucesso é preciso que estejamos falando a mesma linguagem e tom. Portanto, foi

muito importante registrar vocábulos informais que a pré-adolescência utiliza, com o nome divertido de *Dialeto Candango Pós-Contemporâneo*, constante do Apêndice II. Há influência da língua inglesa por motivo da globalização tecnológica e dos costumes nas redes sociais. Salientamos que não consta fonte de referência para esse dicionário porque é fruto de um aprendizado particular cotidiano, dentro e fora da escola, por meio do que se escuta conversar.

3.6. Roteiro de pesquisa

Após o que trazíamos na bagagem da arte-educação, somamos o que aprendemos, pesquisamos e refletimos sob a orientação do Programa de Mestrado Profissional em Artes Cênicas da UnB; então, decidimos por um caminho metodológico, sobre o qual ora escrevemos. Pesquisa científica é o processo, com metodologia bem definida, para ampliar, detalhar ou até mesmo negar informações verificáveis. Assim, o pesquisador colabora sempre para o conhecimento humano, quer seja por ordem intelectual, para satisfação na busca de informação; ou, por ordem prática, para busca da eficiência.

Tem sido muito comum designar as pesquisas decorrentes desses dois grupos de questões (intelectual ou prática) como “puras” ou “aplicadas” e discuti-las como se fossem mutuamente exclusivas. Essa postura é inadequada, pois a ciência objetiva tanto o conhecimento em si mesmo quanto as contribuições práticas decorrentes desse conhecimento (Gil, 2002, p. 17).

As observações, análises e conclusões trouxeram informações novas ou mesmo para aprofundarem em olhar sobre o que já se sabia. Iniciamos a pesquisa científica, considerando a vivência na área, para então culminar com a escolha do tema do trabalho, fruto de curiosidade e vontade de não estacionar no cotidiano banal de cumprimento das obrigações básicas.

Temos observado os costumes da juventude no ensino básico público do Distrito Federal, sendo que alguns questionamentos são universais pelas características da adolescência e recente pandemia da covid-19. Lembremos também do mundo globalizado em que vivemos pela internet, principalmente redes sociais e respectivos *influencers*. Acrescente-se ainda a grande importância da escola na formação da personalidade do estudante, na questão de desenvolvimento do senso crítico e

ampliação do imaginário, frutos principalmente do trabalho da arte-educação. Chegamos assim ao meu problema de pesquisa: **de que forma os professores de artes dos anos finais do ensino fundamental podem atuar e conectar suas práticas pedagógico-formativas à linguagem artística da dramaturgia, com inspiração na ressignificação de uma peça teatral e com foco principal no processo criativo do corpo discente, para ampliação de horizontes éticos, reforço identitário e sentimento de pertencimento.**

O próximo passo foi no sentido de revisar a literatura, justificando a intenção do trabalho, com estabelecimento de objetivos, reflexão sobre a metodologia, cronograma e verificação dos recursos disponíveis.

Os elementos geralmente requeridos num projeto são os seguintes: formulação do problema; construção de hipóteses ou especificação dos objetivos; identificação do tipo de pesquisa; operacionalização das variáveis; seleção da amostra; elaboração dos instrumentos e determinação da estratégia de coleta de dados; determinação do plano de análise dos dados; previsão da forma de apresentação dos resultados; cronograma da execução da pesquisa; definição dos recursos humanos, materiais e financeiros a serem alocados (Gil, 2002, p. 20).

É importante que as fases sejam bem digeridas, digamos assim, porque a metodologia é imprescindível para o sucesso do trabalho científico; como o nome já diz, existe uma ciência tanto para aceitação no âmbito acadêmico como para o êxito do resultado de cada fase pré-requisito da próxima. Com a boa base acadêmica e orientação na UnB, surgiu uma inquietação intelectual sobre o que se vem vivenciando no estudo e no trabalho, é como se algo passasse a incomodar paradoxalmente à paixão que passamos a sentir pelo próprio problema.

A ideia de *problema* está no centro do realinhamento das ciências humanas, como, aliás, das demais ciências. Trata-se de compreender problemas que surgem no campo do social, a fim de eventualmente contribuir para sua solução; pouco importa se a solução do problema se refere a uma falta de conhecimentos, como em pesquisa fundamental, ou de intervenções eventuais, como em pesquisa aplicada (LA VILLE, DIONE, 1999, p. 41).

A palavra “problema” não é para ser refutada como um obstáculo no trabalho científico; muito pelo contrário, o problema de pesquisa é a essência do que, ao mesmo tempo, incomoda, mas também dá forças para prosseguir na busca pelo saber. Já que

o problema de pesquisa é algo central e motor, na concepção moderna de ciência, atentamos para que pudesse ser colocado, como pergunta, algo específico, delimitado, objetivo e claro. A contextualização veio conseqüentemente fluindo de acordo com o meu cotidiano na escola. Além de tudo, sempre considere o meu problema passível de uma resposta, se não surpreendente, no mínimo de utilidade prática para o ensino básico.

Ratificamos o objetivo geral previsto na fase de projeto, um caminho sintético para algo tão complexo que envolve arte, educação, puberdade e horizontes possíveis: ***Conhecer de que forma os professores de artes da SEEDF podem atuar e conectar práticas formativas e linguagens artísticas, por meio da releitura dramatúrgica, e assim atuam como mediadores entre o panorama cotidiano dos estudantes e novos horizontes de reforço ético da identidade, estimulando a aprendizagem com foco principal no processo criativo dos discentes.***

Para tanto, também ratificamos os objetivos específicos:

- Identificar quais são os procedimentos pedagógicos mais apropriados para conhecer o perfil do corpo discente, escolher as cenas teatrais, contextualizar e realizar as atividades didático-pedagógicas, colocando os estudantes como sujeitos ativos no processo de ressignificação;
- Explorar a possibilidade do trabalho interdisciplinar entre Arte e as demais matérias, especialmente Língua Portuguesa, devido à questão literária ligada ao teatro e assim fortalecer a capacidade de leitura crítica do aluno;
- Possibilitar o acesso a obras de autores clássicos e estimular, por meio da fruição estética teatral do ator-aluno, uma análise de mundo, o fortalecimento da identidade e o sentimento de pertencimento ao mundo atual.

Dessa forma e valorizando sempre a observação, pretendo conhecer os sonhos para futuro na vida de um pré-adolescente do ensino público fundamental, em escola no bairro Plano Piloto de Brasília (DF). “Observação (*na pesquisa científica*) é o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com instrumentos, e registrá-lo com propósitos científicos” (Angrosino, 2009, p. 86). Durante qualquer fase dos trabalhos, o que observo e reflito será o melhor leme para navegar com a nossa pesquisa, principalmente para revisar a literatura e analisar dados.

Como o embasamento literário perpassa o levantamento de produção científica disponível para a leitura e construção (ou reconstrução) de pensamentos e conceitos do pesquisador, temos o cuidado para nem “inventar a roda”, nem perder o foco específico,

com uma metodologia exequível e útil a ser repetida ou inspiradora de novos caminhos estratégicos.

Tal como o tempo, o sistema explicador se alimenta de seus próprios filhos, aos quais devora à medida que são produzidos; uma nova explicação ou um novo aperfeiçoamento nascem e morrem em seguida, para dar lugar a milhares de outros (RANCIÈRE, 2013, p. 176/177).

Assim, afirmo que a nossa revisão de literatura foi do tipo sistemático. Confesso que, antes de ingressar, na inocência do que seja um mestrado, pensava em ler um terço dos livros que leio e não sabia também da importância em considerar os artigos de outros pesquisadores. “À medida que sua bibliografia cresce, você vai lendo o material. É puramente teórico pensar em formar primeiro a bibliografia para só então começar a leitura” (Eco, 2002, p. 87). Foi fundamental que tenhamos montado um índice provisório, antes do início da revisão da literatura, assim como termos elaborado também um fichamento organizado e subdividido por cenários desta dissertação, com indicadores da fonte, tipo da fonte, matéria em foco e respectivas páginas a serem reportadas.

Buscamos conexão e aprendizagem com artigos recolhidos em revistas científicas que trazem experiências anteriores inspiradoras, ao nos despertar interesse por novos ângulos sobre a genialidade de Shakespeare, por exemplo. Apesar do mundo atualmente ser tão diferente em modernidades tecnológicas, ele é muito parecido ao século XVI no que diz respeito às guerras civis existentes nas comunidades ou dentro de nós mesmos. Assim, a execução do projeto aproximou as práticas artísticas e os processos de ensino, com foco no processo criativo de pessoas envolvidas com as polaridades do mundo e do seu próprio corpo.

Em resumo, o trabalho em questão tem um caráter descritivo-exploratório, prático e aplicável na escola-campo, de natureza qualitativa porque buscará conhecer os procedimentos apropriados para o professor de artes realizar a mediação entre as necessidades dos estudantes e as possibilidades de novos horizontes éticos de pensamento, poética e ação. Ao longo do processo, com previsão de duração de até 24 meses (período do mestrado ProfArtes), para a coleta de dados, aplicaremos entrevistas; contudo, confiamos no poder do arte-educador para observar e ponderar o fato de o pré-adolescente não ter ainda constatado a importância do impacto vivido naquele momento

do processo de ressignificação dramatúrgica. A análise documental importa, sim, mas o pesquisador experiente pode chegar a conclusões em pequenos detalhes do comportamento e das falas dos seus estudantes.

Gostaríamos de exemplificar com um bilhete fotografado e divulgado no Instagram (<https://www.instagram.com/p/C8PNEG1smUExBWjFfdPfm3clBR0FLycNnHFuj00/?igsh=MTgyNTRpZ3NoaG45MA==>) e que ora transcrevemos: “Professor, esses seus trabalhos me fazem refletir sobre meu trabalho do futuro. Quando eu escrevo seus trabalhos me dá vontade de ser escritora ou dramaturga”. É uma estudante com espírito de liderança, conectada com o mundo de empoderamento feminino, à espera e em busca de oportunidades. Cabe à escola perceber isso e oferecer a oportunidade, foi por tanto que a colocamos para se responsabilizar pelo grito da quadrilha junina, dentre outras experiências de assunção de responsabilidades. Vale destacar aqui a importância de não menosprezar cada procedimento didático-pedagógico fora do campo específico da dramaturgia. O assunto era dança e matrizes culturais brasileiras, mas ali já estava alguém tendo a oportunidade de soltar a voz; ou seja, um prenúncio expressivo de um dos elementos da tríade teatral: o texto.

Numa discussão na UnB em 2023, a respeito da real utilidade da academia para a vida “lá fora”, respondemos com muita certeza: “Nosso trabalho diário do ensino básico como arte-educadores é útil, sim, somos úteis para a sociedade”.

IV- CENÁRIO DE PRODUÇÃO

Prática da arte-educação no Ensino Fundamental

Para colocarmos em prática o planejado, partimos do princípio de que, ainda que nossa pesquisa tenha foco nas artes cênicas, a formação da personalidade estudantil precisa das outras vertentes artísticas constantes no currículo em movimento. Outro ponto primordial em nosso trabalho, não só motivado pelo mestrado ora em questão, é o fato de que não lidamos com a profissionalização de artistas. O que nos interessa é o processo de desenvolvimento humano global, com respeito aos limites individuais e à diversidade. A comunidade escolar deve preparar o indivíduo para a vida, em sua completude multidisciplinar, com avaliação formativa contínua.

Especificamente na questão das artes cênicas, devemos nos lembrar do ensinamento de SPOLIN (2000, p. 3), quanto à simplicidade do que pode vir a ser o palco: “É muito possível que o que é chamado comportamento talentoso seja simplesmente uma maior capacidade individual para experimentar”. Assim, se uma pessoa consegue ter coragem de ir na frente da sala de aula, ficar em pé e calada, pela primeira vez na vida, temos aí um grande momento promovido pelos recursos cênicos, com foco no processo evolutivo e não no produto artístico profissional.

Os resultados parciais do projeto foram apresentados na etapa de qualificação junto à UnB, a respeito dos alunos que cursaram o sétimo ano em 2023; para a etapa de defesa da pesquisa, serão somados então os resultados obtidos com os alunos que cursam o sétimo ano em 2024. Já temos alguns resultados positivos, no que diz respeito à verificação de como os estudantes sentem-se motivados pela temática da peça *Romeu e Julieta*; além disso, mais entusiasmados ficam ainda quando são “autorizados” a refazer cenas do século XVI, agora com o seu próprio olhar contemporâneo juvenil, vida cotidiana simples e linguagem direta.

Iniciamos, no primeiro bimestre de cada ano letivo, praticando artes visuais com a familiarização dos termos ressignificação e criação coletiva. No segundo bimestre de cada ano letivo, praticamos a quadrilha junina, com a exploração das potencialidades do corpo e respeito à expressão artística corporal. Planejamos aproveitar as artes cênicas propriamente ditas no terceiro bimestre, para então dissertar sobre os resultados alcançados neste processo didático-pedagógico de arte-educação, a serviço do reforço identitário e reconhecimento do mundo atual. É comum deixarmos a música para o quarto bimestre de cada ano, quando promovemos canto coral para homenagens natalinas, dentre outras competências, habilidades e procedimentos constantes do currículo. Debaixo do guarda-chuva das artes cênicas, o teatro, a dança e o musical são práticas sempre incentivadas ao longo do ano letivo. Contar histórias está no nosso cotidiano também, para crescimento da formação de personalidade, além de ser arte. Mesmo de forma indireta, consideramos uma necessidade dar mais importância ao exercício da contação na escola, pois é normal a vontade do ser humano em saber o que houve antes, digerir o que ouviu, seguir em frente com mais bagagem de vida e assim ter também histórias para contar – é holístico!

4.1. Piloto

Realizamos uma produção-piloto em 2023, para que verificássemos se o trabalho ocorria de forma prevista, no sentido da nossa pesquisa oferecer algo mais que arte-educação. Isso nos possibilitou realizar adaptações e pequenas mudanças de leme no processo, para o esmero da produção em 2024. Estamos cientes que, se é arte o que promovemos, por si só já transcende a banalidade do cotidiano, dizemos isso parodiando a genialidade de Oscar Niemeyer: “Quando uma forma cria beleza tem nela sua própria justificativa”. Entregamos também uma etnografia da geração para a qual ensinamos arte e com a qual enxergamos mais sobre a vida atual. Além disso, apresentamos, nesta dissertação, exemplos de meios didático-pedagógicos para dar voz aos alunos pré-adolescentes, motivando-os à expressão. **Assim, consideramos que nossa investida tem um diferencial, como um estudo novo e necessário de perfil de uma geração, capaz de promover outras ideias derivadas deste processo criativo na arte-educação, com foco em ressignificar dramaturgicamente uma poética arquetípica existencial.** “Se a reta é o caminho mais curto entre dois pontos, a curva é o que faz o concreto buscar o infinito” – Niemeyer. Procuramos enxergar as curvas ao redor do que geralmente nosso cotidiano docente nos impele a seguir de forma quadrada, pela própria carga exaustiva de trabalho, turmas lotadas ou pela burocracia mal sistematizada em termos de tecnologia da informação.

Colocamos abaixo um exemplo de exercício, para incentivar a escrita do corpo discente, no que iniciamos com o nome de ressignificação da dramaturgia de Shakespeare:

Atividade Prática (não pode levar para casa)

(Entrega na mesma aula em que recebeu esta atividade – vale 2,0 pontos) Releitura de uma cena significa reescrevê-la sob outro ponto de vista. Pratique a releitura do início da cena abaixo e dê continuidade, trazendo o diálogo dos jovens para um tema atual e maneira de falar cotidiana. Você pode mudar o nome dos personagens e até mesmo alterar as “falas” já escritas dos dois personagens.

(Julieta surge no balcão)

ROMEU: Oh, linda donzela, a Lua vai se esconder com inveja da tua formosura.

JULIETA: Romeu Montéquio, temo quanto ao nosso futuro porque sou uma Capuleto.

ROMEU: *(assertivo)* Renegarei meu sobrenome por ti, Julieta Capuleto.

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

JULIETA: _____

ROMEU: _____

Na ocasião da festa junina de 2023, realizamos uma cena, para a comunidade presente, também com inspiração em Shakespeare e motivados pelo mote do que estávamos chamando, antes do Exame de Qualificação, de ressignificação. Eis a dramaturgia referente ao que foi apresentado:

Arraiá Romeu Rural e Julieta Junina
O CASAMENTO NA ROÇA DE VERONA

(SR. CAPULETO, pai da noiva, vestido de terno todo verde com trevos quatro folhas, com o microfone sem fio, na escadaria do fundo, acompanhado da noiva,

duas damas de companhia, o padre, o menino que segura as alianças, um palhaço e os ajudantes do palhaço)

(SRA. MONTÉQUIO, mãe do noivo, vestida com estola gigante em pele de onça, acompanhada do noivo e comitiva)

CENA I

SR. CAPULETO: Kd *(sic)* o noivo fujão?

SRA. MONTÉQUIO: Meu filhinho Romeu não é fujão, é seletivo.

SR. CAPULETO: Ele tem obrigação de se casar com a minha filha querida Julieta.

SRA. MONTÉQUIO: Sr. Capuleto, ninguém aqui tem que fazer o que não quer.

SR. CAPULETO: Eu não sou Sr. Capuleto, sou o pai da noiva.

SRA. MONTÉQUIO: Você é, sim, o senhor Capuleto... Isso que você está dizendo não estava no script.

SR. CAPULETO: Tu não é *(sic)* atriz? Improvisa!

SRA. MONTÉQUIO: Isso não é improvisação, é Teatro do Invisível.

SR. CAPULETO: Invisível é seu filho covarde, kd o moleque?

SRA. MONTÉQUIO: Moleque, não, pera lá, vou rodar a baiana, quero dizer vou rodar a onça do Pantanal. *(roda a estola gigante)*

SR. CAPULETO: Pero nada, vamo *(sic)*, galera, solta a Juma que tem dentro docês *(sic)*, pra agarrar o moleque invisível! *(a galera da noiva vai correndo buscar o noivo, o palhaço sempre na frente e a guarda da escola ajuda a puxar o noivo para o palco)*

CENA II

SRA. MONTÉQUIO: *(no altar)* Meu filhinho único querido, você tem certeza de que pretende se casar com essa gente?

PADRE: *(sempre aos gritos)* Não, ele vai se casar só com a noiva, a família só acompanha. Onde estão os Romeus Rurais e as Julietas Juninas? Se achega, minha gente! *(entram no pátio os dançarinos da quadrilha)* Os noivos aceitam as noivas? Sim! As noivas aceitam os noivos? Sim! Todo mundo casado, tchau, fui!...

Puxe o fole, sanfoneiro! Eu quero é dançar!!!!

(O Padre puxa a Sra. Montéquio e os dois se integram à quadrilha junina)

CAI O PANO

Surpreendemo-nos com a imaturidade de um grupo de alunos que optou por ressignificar Romeu e Julieta com Batman e Robin, sem que existisse relacionamento amoroso entre eles. Na verdade, nós deveríamos nos questionar se é necessário ressignificação obrigatoriamente amorosa de uma peça envolvendo guerra civil entre duas famílias. Ou seja, o imaturo, o quadrado, o não metafórico pode ser justamente aquele que se considera mestre e responsável por ministrar a aula. Saliente-se também a criatividade no processo cognitivo de pessoas de outra geração, logo sujeitas a outras dimensões de raciocínio e bagagem cultural. Por essas e outras, decidimos que precisamos conhecer melhor nosso público e passamos a observar quais assuntos fazem parte da realidade e imaginário do corpo discente. Podemos verificar, nas frases constantes da dramaturgia ressignificada abaixo listadas, o universo juvenil com alusão a: grupo familiar de *whatsaap*, elfos, terror, religiosidade, misticismo, Xuxa, os Três Porquinhos, samurais, feiticeiros, personagens coreanos, americanos, guerra, espada, armas, duelo, beleza, amor, *reality show*, vírus, floresta, feitiço, medo do desconhecido, ataque, violência, traumas e questionamentos:

A Lua ficará com inveja da tua beleza (Romeu).

Mas tu é (sic) bonita, hein!

Quem me dera ser tua luva para tocar o teu rosto (Romeu).

Novinha, vamo (sic) dá um rolê no shopping?

Ser ou não ser – eis a questão! (Hamlet).

Calma!

Frases de diversos exercícios de dramaturgias (Shakespeare como inspiração):

Enquanto isso, no grupo da família...

Então, cala a boca

Tá (sic) de boa então!

Adam puxa a cadeira e Xuxa sorri.

Caramba, que lugar bonito e bem arrumado!

O que está acontecendo?

Por favor, não nos machuque.

Ele jogou um copo na cabeça do meu cliente.

Deusa do casamento e do amor, é sobre ela que estamos falando.

O que você quer?

Eu sou um elfo do sussurro, que geralmente alerta os humanos.

Jesus gosta de crianças obedientes.

Podemos assar uns marshmallows e contar histórias de terror.

Dois samurais puxaram a espada para o feiticeiro.

As meninas fizeram uma grande amiga chamada Kim Xia.

A madrasta se solta e pula na Preta de Neve.

O Porquinho de Palha foi comentar com um certo bobo.

Olá, Xuxa, tudo bem? Olha quem veio para a fazenda: um samurai e um feiticeiro.

Podemos ler abaixo a dramaturgia, a nosso ver, inusitada e grandiosa, onde Romeu e Julieta ardem dentro de uma panela ao fogo, reportando-se ao tradicional doce composto por duas fatias de queijo e uma de goiabada como recheio. Passamos a constatar que o texto é precioso de forma quadrada ou redonda, conotativamente ou não, pois arder no fogo ou na paixão pode representar emoções análogas, a depender das dimensões de idade e visão do mundo. Segue a memorável cena do balcão, local então ressignificado como panela:

Romeu e Julieta na Panela

(Na panela)

JULIETA: *(preocupada)* Romeu, você sabe onde a gente está?

ROMEU: Não sei, Julieta, eu só sei que está esquentando.

JULIETA: Eu também, meu amor, estou com muito calor.

ROMEU: Calma, meu amor, tudo se resolve.

JULIETA: *(quase desesperada)* Ai, meu Deus... Romeu, está quente...

ROMEU: *(desesperado)* Socorro, não aguento mais...

JULIETA: Socorro, socorro, socorro...

ROMEU: SO-COR-RO!!! *(Tampa-se a panela)*

(cai o pano)

Na cena abaixo, *A Gente a Escola e o Vírus* mostra-nos como a traumática fase do covid-19 ainda está na memória da juventude tão sofrida em decorrência do pavor de morrer ou sofrer a espera de leitos escassos nos hospitais, além das mortes, confinamento, com prejuízos financeiros e educacionais. Eis o texto:

A gente, a escola e o vírus

(Na escola)

ISABELLY: *(assustada)* Corram! O vírus “tá” vindo...

(Todos saem correndo)

MARCELA: Socorro, o vírus me pegou!

MARINA: Eu te ajudo, amiga... socorro, o vírus me pegou também!

THALITA: *(ofegante)* Depressa, Michael, traz uma máscara!

JACKELINE: O que está acontecendo, gente?

LARISSA: Cuidado, amiga!

JACKELINE: Socorro, fui atacada, o vírus me pegou!

THALITA: O vírus pegou todo mundo.

(Chega o vírus personificado)

LARISSA; Pega o álcool, gente!

VÍRUS: Piu, piu, piu, piu!

LARISSA: Eh, eh, eh, eh *(batendo com um pau na cabeça do vírus)*.

THALITA: Boa, ganhamos!

TODOS: Portanto, usem máscaras, galera.

(cai o pano)

Já na representação do *Mapa do Cérebro do Miguel*, nome ressignificado de Romeu Montéquio, surpreendeu-nos a equipe autora com uma ressignificação a qual

aceitamos como cena poeticamente concreta, original pela iniciativa diferente da expressão imagética. Ela pode ser apreciada neste endereço eletrônico da conta *Instagram* deste projeto: <https://www.instagram.com/p/C7ATFbvvg4vkCaGcGFM4yW8io0x9KH7ek3hM3U0/?igsh=Mjd6N2Y4ODA5Y3Rw>

Nosso público está às vésperas da puberdade e alguns lá já se encontram, então as polaridades e dúvidas próprias dessa fase de vida fazem a contextualização de textos arquetípicos muito mais importantes e surpreendentes do que nós mesmos imaginávamos, quando da elaboração do projeto de mestrado. Conscientemente, nós abordamos também temáticas polarizadas porque o mundo está assim em vários aspectos, além de ter a ver com o dualismo da fase púbere. Do ponto de vista mais técnico, temos a preocupação com as deficiências de letramento; por outro, impressiona-nos a quantidade de estudantes com facilidade em utilizar um aplicativo tecnológico chamado *stop motion*, que transforma fotografias em vídeo de animação. Neste endereço eletrônico da conta *Instagram* do nosso projeto, uma ressignificação tecnológica da guerra civil entre Capuletos e Montéquios ganha uma visão contemporânea original sobre a desavença, com direito a um final inusitado: <https://www.instagram.com/reel/C4hICnXM6FkkQO2Tvp3SsS5T4U2rzYINa2fTU0/?igsh=MTBscng5OGZpc2lqNg==>

Como vemos, urge conhecer o corpo discente porque vivem em um mundo diferente daquele dos mais velhos, que geralmente compõem os cargos de professores. O contemporâneo da vida hoje fala em inteligência artificial, em contrapartida os fenômenos naturais que ameaçam a vida – dizemos “naturais”, mas deveríamos nos conscientizar de que a natureza está respondendo ao que lhe é artificial. É outra questão de dois polos: o desenvolvimento tecnológico é grandioso, mas as questões básicas da natureza deixam a humanidade vendida em cenários de destruição trágica, por tufões, incêndios e inundações. Nos exemplos abaixo, podemos notar alusão à necessidade de se ouvirem as vozes da periferia, assim como o respeito aos direitos sexuais e reprodutivos:

Na Quebrada

(Na favela)

JULIETA: Cara, me esquece.

ROMEU: Não consigo.

JULIETA: Eu sou uma maloqueira.

Romeu e Julieta... deu Erro

(Na varanda)

JULIETA: *(preocupada)* Romeu, não vai dar certo...

ROMEU: Por que, amor?

JULIETA: Da fruta que você gosta, como até o caroço.

A mudança significativa no leme do nosso caminho, sobre a qual o piloto da pesquisa nos alertou, foi a necessidade de conhecer melhor o público discente envolvido e dar voz a ele. Assim, conscientizamo-nos que deveria haver menos rigidez tanto nas perguntas da entrevista com o corpo estudantil, quanto na forma de realizar questões e abordagens da ressignificação textual. Por exemplo, se a voz do menor de idade precisa ser ouvida, pode ser que o adulto não saiba nem qual temática aquele entrevistado tem a necessidade de abordar. Ter autoridade no exercício do magistério não pode ser confundido com dar aulas na ilusão de que sabe tudo do mundo, nem se pode eliminar o hábito de conversar, contar histórias e, principalmente, ouvir as novas histórias sobre os desejos e os receios contemporâneos.

4.2. Organização com apêndices e anexo

Na intenção de melhor organizar o pensamento e leitura desta dissertação, há três apêndices assim dispostos:

- APÊNDICE I: Diário de Bordo;
- APÊNDICE II: Dialeto Candango Pós-Contemporâneo;
- APÊNDICE III: Modelos e Formulários.

Além dos apêndices, temos um anexo, que é o PPP da escola que trabalha com a matéria “entrevista”, para trabalhar com o desenvolvimento da autoestima,

contando com a interdisciplinaridade com língua portuguesa e o apoio da sala de orientação educacional:

– ANEXO I: PPP da Escola Ligado à Nossa Pesquisa.

4.3. Reflexões no curso de produção.

Temos o Apêndice I para os relatos aos quais chamamos “diários”, referentes às observações importantes da carreira de magistério como um todo. Quanto aos relatos mais longos, ocorridos durante o cenário sob título de “produção, destacamos abaixo e ora salientamos terem sido motivadores de redirecionamentos no passo a passo da pesquisa:

REFLEXÃO EM 23/02/2024

Descobrimos um sentido ainda maior para a dissertação e conseqüentemente devemos alterar o seu título... será que definitivo? Talvez, mas nunca estivemos tão firmes nos encaminhamentos da pesquisa. Assim, consideramos que a metodologia empregada vai ultrapassar a rotina de uma aula simples, se é que algo na arte-educação possa ser simples, pelo próprio conceito de arte.

A entrevista era o que mais nos incomodava, quanto à dificuldade em elaborar e colocar em prática, mas constatei ser justamente a chave que abre... ou fecha o raciocínio, depende do ponto de vista. Abre, no sentido de muito trabalho pela frente porque a maior busca por resultados começa agora; e fecha, no sentido da completude do que acreditamos. Em 2003, aprendemos com um estudante que conversar é muito importante. Em 2018, completamos a pós-graduação na arte de contar histórias, então acrescentamos a importância das histórias nas conversas. Agora em 2024 então, descobrimos que a entrevista é um caminho precioso para dar voz à juventude na contação de suas histórias.

O impasse girava em torno de seguir pela raiz original do projeto ou enxergar novos ângulos frutificados, pelo próprio estudo e pesquisa. Descobrimos não ser bom, para nosso público de doze anos, de idade, fincarmos apenas raiz no terreno da Verona dos Capuletos e Montéquios; contudo, a poética de Shakespeare ainda nos era especial como um convite poderoso da abstração e da metáfora, para a ampliação do imaginário.

Assim, assumimos que o diferencial desta dissertação é dar voz à juventude pós-covid 19, para contar as suas histórias ressignificadas e sob inspiração da dramaturgia

poética de Shakespeare, não só pela produção dramatúrgica, mas também pelo gênero “entrevista”, para reforço identitário e sentimento de pertencimento, com a ampliação de horizontes éticos e esperançosos. Certo da grande importância desse processo, nossa escola inseriu, no seu PPP – Projeto Político Pedagógico, o Projeto Multidisciplinar *Entrevista para Reflexão da Juventude Pós-Covid 19*, biênio 2024/2025. A etnografia desse público passa a ser uma particularidade importante no meu trabalho!

O projeto da Entrevista terá viés multidisciplinar com participação da Equipe O.E. – Orientação Educacional e das linguagens português e artes, em total conexão com nosso mestrado. Além disso, os professores de artes da escola (turnos matutino e vespertino) participam de um outro projeto também conexo e inserido no PPP da escola, biênio 2023/2024, sob título de *Releitura com Utilização de Fantoches*. A título de curiosidade, planejo sugerir, para o biênio 2025/2026, a criação da Rádio CEF104 Norte (de âmbito interno), onde haveria entrevistas sob o comando dos próprios alunos, com orientação e supervisão do corpo docente.

REFLEXÃO EM 05/03/2024

Adaptamos o planejado, no PPP das entrevistas, à vontade de uma turma bem interessada em ter voz. Queríamos que os alunos se sentassem em um cenário cuidadosamente elaborado, para uma entrevista; ao passo que a maneira de “se soltar” que os motivava era utilizar as fantasias de carnaval disponíveis na sala de aula e tocar um funk. Ok, pedimos só para conversarem sobre os temas propostos, em nossa pesquisa, durante aquela balada. E assim foi proveitoso para ambas as partes e as discussões giraram em torno das seguintes temáticas:

- a) O que já realizou na vida;
- b) Onde pretende chegar;
- c) O que você quer falar;
- d) Sobre o que se sente proibido de perguntar.

REFLEXÃO EM 06/03/2024

Constatamos que, assim como cada indivíduo é um universo, cada turma é também diferente das outras. O que ocorreu no dia posterior foi total adesão ao cenário formal de entrevistas. Sem direcionarmos previamente, as entrevistas que eles mesmos promoveram entre si tiveram foco em desilusão amorosa. Quase todos queriam contar

os choros e tristezas pelos quais passaram, citando detalhadamente locais, situações e nomes. Toda a turma ouvia e apoiava, uns poucos transformavam em comédia, mas a maioria se emocionava, inclusive com lágrimas nos olhos. Alguns relataram o sofrimento por um dia, outros por uma semana, três meses e, quanto a um estudante mencionado frequentemente como “bagunceiro”, ele confessou sofrer eternamente.

As perguntas realizadas de colega para colega da mesma faixa etária tomaram conta da atividade, envolvida por sinais de alta motivação. A juventude está carente de questionar o mundo, mais que ser simples depoente, pois trocavam de papéis entrevistador/entrevistado e saíam dos cenários das entrevistas com fisionomia de alma lavada. Foi um dia em que tiveram voz, em vez de ouvirem teorias e tarefas tipicamente escolares.

REFLEXÃO EM 10/03/2024

Descobrimos o que de melhor uma entrevista pode ter como eixo central de ampliação do imaginário para horizontes éticos: uma abordagem de ser, ter e fazer. Não é nossa intenção fazer apologia a candidato político algum; ocorre que assistimos a uma entrevista da sra. Marina Silva e foi uma luz sobre o dilema a respeito de perguntas certas para compor a entrevista com o corpo discente.

O endereço eletrônico da entrevista está no tópico “Referências” e mostra a riqueza maior da reflexão a respeito do *ser* em relação ao *fazer*, e mais ainda superior na comparação com o desenfreado verbo *ter*. Nós já havíamos experimentado, com os estudantes, a conversação por meio do “dialeto” deles, assim como já os deixamos também conduzir as perguntas. Eis que chega o momento ápice do pensar ético para as aspirações do futuro: “o que eu quero ser”?

No início da pesquisa, a vontade era trabalhar com a resignificação da poética em *Romeu e Julieta*, o que tem agradado imensamente em todas as salas de aula pelas quais já passamos e para qualquer idade e classe social. Durante os exercícios de aula, contudo, podemos verificar como o corpo discente fica envolvido também com a questão básica levantada por Shakespeare, na peça *Hamlet*, tão óbvia e genial ao mesmo tempo: “ser ou não ser, eis a questão”! Temos aí uma polaridade eterna, que atualmente convive com a dualidade política do Brasil e do mundo; com a interrogação própria da adolescência sobre ser criança ou adulto; e com a batalha contemporânea da juventude em revolucionar o binário tradicional e insistente dos grupos fundamentalistas medievais deste século XXI, sobre a diversidade sexual e reprodutiva.

4.4. Qualificação e Defesa

O Exame de Qualificação ocorreu em 12 de julho de 2024 e a Banca de Defesa foi marcada para 17 de dezembro de 2024, contando com os mesmos três membros da Banca de Qualificação. Todas as observações dos membros da banca foram aceitas por as considerarmos justificadas e enriquecedoras. Aproveitamos a oportunidade para enfatizar o grande benefício que foi o fato de apresentar o trabalho naquele momento digamos intermediário, um semestre antes da defesa, chamado de qualificação. As observações mais impactantes que se somaram, em forma de pesquisa ou análise, foram:

- a) **Dar ainda mais importância ao viés antropológico do trabalho, com atenção especial a preceitos sistemáticos**, como caracterizar a população, qual seja o rol dos estudantes em questão – assim, alteramos a entrevista formal ao fim do processo de apropriação dramática, conversamos informalmente também e verificamos mais apuradamente os interesses da juventude atual fora do universo puramente escolar;
- b) **Abrimos o leque de opções da dramaturgia a ser lida, fruída e ressignificada**, com apresentação de outros autores, além de Shakespeare, com visita formal à biblioteca da escola e localização das obras nas prateleiras – assim, ampliamos o interesse dos estudantes pela proposta original da dramaturgia e enfatizamos nosso desejo de lhes dar voz, inclusive na escolha dos gêneros, tais como comédia, drama, realidade fantástica etc.

4.5. Autorização do responsável

Quanto à autorização da imagem, áudio e escritos, colocamos o modelo do formulário de autorização do responsável no Apêndice III. Salientamos que, mesmo com as autorizações, optamos por não fotografar e filmar o rosto dos menores de idade; exceção há para uma estudante com experiência em apresentação teatral na cidade – o solilóquio criado por ela, sob a nossa orientação, foi filmado e está à disposição da banca no *google drive*.

Observe-se que essa atriz mirim está acostumada a se apresentar em teatros lotados e *shoppings centers*; por considerarmos a diversidade uma evolução para o processo artístico dela, solicitamos algo mais introspectivo e intimista, em conversa não com multidões, mas sim com a lente e microfone da filmagem. Assim, tivemos a oportunidade de explorar algumas riquezas do fazer teatral na interpretação com câmera, quais sejam

o contraponto e a sutileza. Cumpre lembrar ainda que:

- a) Como já dissemos anteriormente nesta mesma dissertação, temos ciência de que o trabalho do arte-educador do ensino fundamental não é aquele de formar atores profissionais, mas não podemos nos abster de participar da formação artística daqueles que decidem se entregar intensamente ao teatro;
- b) Todas as orientações repassadas à estudante foram dentro do horário de aulas regulares e tiveram a participação da turma dela, ao tempo em que dentro do programado metodologicamente neste projeto, no caso, uma ressignificação do solilóquio de *Hamlet*, de Shakespeare, para os questionamentos da juventude contemporânea.

4.6. Entrevistas e Análise

Neste item, vamos nos debruçar na produção propriamente dita, ou seja, aquela fase após o piloto e já tendo em mente as observações obtidas no Exame de Qualificação; portanto, estamos nos referindo ao segundo semestre de 2024. Salientamos que trabalhamos artes visuais no primeiro bimestre e, no segundo, dança; o terceiro e quarto bimestres seguiram com artes cênicas e música respectivamente. Ainda que nosso foco em dramaturgia tenha sido no terceiro bimestre, não houve semana letiva alguma em que o teatro não estivesse presente em teoria ou na prática. O espetáculo da cena é a nossa especialidade e consideramos o fazer teatral propício ao abraço de outras modalidades de expressão artística, além de termos verificado como a juventude está carente de se expressar em texto, corpo e voz, para qualquer plateia que seja, especialmente para a comunidade de colegas e familiares.

No primeiro bimestre de 2024, durante os trabalhos de artes visuais, demos muita importância à criação coletiva, item fundamental no trabalho dramatúrgico em grupo; na prática das danças circulares, ocorrida no segundo bimestre, realizamos uma ligação com os musicais e a sua teatralidade. Dessa forma, deleitamo-nos com a fruição estética e comprovamos como os diversos caminhos expressivos podem estar de mãos dadas embaixo do guarda-chuva das artes cênicas.

Houve entrevistas informais, na fase que chamamos de “piloto”, o que já nos suscitou muitas reflexões importantes aqui registradas no item 4.3. Quanto às entrevistas formais com os estudantes, ao fim do processo de apropriação das dramaturgias, entendemos que realmente foi importante terem sido realizadas após o Exame de

Qualificação de julho de 2024 porque pudemos alterar o direcionamento, no sentido de caracterizar melhor quem era a população. Os documentos estão à disposição em papel e no *google drive* específico deste trabalho, qual seja aquele referente à conta *google* profartes.carlosneves@gmail.com.

Ficamos surpresos com o pequeno número de autorizações dos responsáveis, para utilização da imagem, som da voz e escrita; são 103 estudantes do 7º. Ano e recebemos apenas vinte e quatro documentos de autorização. Ainda que não tenhamos realizado tipo algum de pressão, esperávamos um número maior de documentos. Isso nos fez rever as perguntas da entrevista formal, eliminando questões de rendimento familiar, tipo de residência e com quem reside; contudo, nós professores sabemos ter uma ideia, pelo que percebemos e conversamos no dia a dia. Assim, afirmamos que nossa escola se situa em área nobre e o corpo discente pertence à classe média baixa, de uma maneira geral. Alguns poucos moram em área nobre e a maioria no subúrbio ou, como dizemos no Distrito Federal, a maioria mora nas cidades-satélites mais próximas do Plano Piloto. A maioria dos alunos comparece à escola trazida pelos carros particulares dos responsáveis ou por transporte escolar particular pago pela família. Estimamos que noventa e cinco por cento possuam rede *wifi* em casa, para auxiliar nos deveres de casa, pois é quase a totalidade dos alunos nas salas de aula respondendo afirmativamente, quando perguntamos sobre a possibilidade de acessarem vídeos de arte no canal *youtube*.

A entrevista formal nos trouxe mais dados para a pesquisa e excedeu as nossas expectativas, no ponto de vista da pessoa “abrir o verbo”, ainda que não se tratasse de documento anônimo. Por exemplo, no item 8, que pergunta “Além das características físicas, você é quem mesmo”? Houve uma resposta com a frase “Eu sou gay”. Temos aí um sinal de que a juventude quer ter voz e plateia. Utilizamos o artifício de perguntar a mesma questão (com palavras diferentes), quase a mesma questão ou então questões complementares. Motivo: alguns estudantes querem se livrar logo da tarefa de responder um documento, na intenção de ficar sem fazer nada ou pedir ao professor para “mexer” no celular; assim obtivemos respostas mais fidedignas, por comparação entre os itens ou reunião de dois itens. Na análise, agrupamos alguns dos itens, como podemos notar abaixo.

ITEM 1 – Tudo o que fizemos serviu para quê? Serviu? Nosso projeto trouxe algum impacto em sua vida?

ITEM 6 – O trabalho que realizamos teve algum impacto nas reflexões sobre quem é você? Por que sim ou por que não?

Realmente foi muito proveitoso colocar esses dois itens perguntando praticamente a mesma coisa porque podemos inferir quem estava respondendo sem seriedade, com dificuldade de entender a pergunta ou dificuldade de formular a resposta (20%). Aproximadamente 5% dos estudantes responderam assertivamente que o trabalho que fizemos não trouxe impacto, não causou reflexão ou já estava com foco em Deus, o que significaria não estar precisando de reflexão mais alguma. Classificamos em 10% as entrevistas com falta de coerência entre os itens 1 e 6. Para nossa alegria, 65% dos estudantes indicaram os trabalhos como proveitosos, onde destacamos as seguintes expressões escritas na entrevista: pensar no futuro, refletir sobre si mesmo, conhecimento sobre artes cênicas, ser alguém ainda melhor, ir além, soltar a imaginação, aumentar a criatividade, ver o mundo, ser alguém, ir além do que eu imaginava, ir além da minha capacidade, ser alguém na vida, incentivo ao estudo, ficar mais vivido, encorajar, passar a ter confiança em si mesmo, abrir uma janela para o mundo.

Encaminhamos um estudante para a orientadora educacional, pelo que escreveu que aconteceu com ele há alguns anos e preferimos não transcrever aqui, nem citar seu nome; contudo, como é material autorizado pelo responsável a constar como documento deste mestrado, está disponível no google drive já citado anteriormente nesta dissertação.

Consideramos muito importante citar que a maior quantidade de indicações dos trabalhos como muito proveitosos são advindos de estudantes da menor das quatro turmas de sétimo ano, da qual temos o cargo de conselheiro. **Inferimos então que, pela turma ser menor e termos mais vínculo interpessoal, oportunizou-se o atingimento do objetivo da pesquisa de maneira mais marcante.** Transcrevemos então duas contribuições do item 6:

“Pela primeira vez, eu consegui me expressar de verdade e não guardei para mim” – Aimê do 7D.

“Eu não sabia lidar com o palco e muito menos com meus sentimentos” – Emanuely do 7D.

ITEM 2 – O que importa na vida? Quem você segue? Quem te representa?

ITEM 5 – O que é importante ser?

ITEM 8 – Além das características físicas, você é quem mesmo?

ITEM 9 – Tem escritor chamando a juventude atual de geração ansiosa, nação dopamina, geração do quarto... e você, como se refere à sua geração?

No item 2, **a ênfase nas respostas está na vontade de cultivar a autenticidade própria, esperança pela felicidade e necessidade de dinheiro**, nessa ordem de citação. Entendemos que nossos trabalhos envolveram, sim, enxergar luzes no fim do túnel e reforço de identidade; contudo, a questão financeira, não, tão somente indiretamente, por meio das reflexões sobre as temáticas de interesse da juventude. Cabe informar que a escola, no ano de 2024, promoveu palestra e debate sobre finanças, sob iniciativa da disciplina de matemática – consideramos que foi apropriado e pode ter influenciado na entrevista. Quanto às instituições representativas dessa juventude, acima das celebridades musicais globais, temos apenas a família, Deus e a mãe, nessa ordem de citação, Jesus e o pai aparecem abaixo da música, digamos assim. Os orixás tiveram uma citação apenas e nos surpreendeu que as celebridades futebolísticas e os amigos/colegas tenham sido pouco citados, o que reforça a importância de nossas observações, além do que nos é dito por escrito em uma entrevista formal – no nosso cotidiano escolar, é comum clamarem-se os ídolos de futebol de reis e imperadores, além de não ser raro perceber como os amigos são confidentes e apoiadores na fase da pré-adolescência.

Nos itens 5, 8 e 9, a população considera importante o cultivo da bondade, felicidade, gentileza e ser inteligente, sendo que marcamos como “ser bom” quando foi escrito “ser legal”. **O termo “geração ansiosa” foi aceito pelos entrevistados, mas ficou longe da unanimidade** porque a juventude quer “inventar” os seus próprios adjetivos, tais como geração viciada, drogada, sem rumo, estressada, depressiva, triste, *nutela*, mais ou menos, calada, preguiçosa, lixo, sem Deus, sem cor; mas também legal, feliz, amorosa, normal e, um adjetivo que nos fez pensar muito a respeito, mutante. A Geração Mutante, sim, concordamos que é um mundo em transição, com excesso de informações diversificadas, o que faz ainda mais mutações num corpo humano mutante pela própria fase da puberdade. Destacamos o seguinte: “Geração depressiva, muitos adolescentes têm traumas que não falam que os levam à depressão” – Giovanna Inácio do 7B.

ITEM 3 – O que é importante TER?

ITEM 4 – O que é importante FAZER?

Nossa intenção nas questões do “ter” e “fazer” foi chamar a atenção para a diferença para o que mais nos interessava de fato, qual seja perguntar sobre a essência de cada um, com as questões do “ser”. Contudo, é interessante analisar que, aqui, temos uma vitória do fator dinheiro e tudo o mais que vem anexo, tal como sustento, trabalho e bens materiais. A palavra saúde foi muito mencionada e particularmente nós pensamos que, pelo menos na atualidade brasileira, tem muito a ver com dinheiro. Ter amor, família e bondade estiveram presentes nas respostas também e ficamos um pouco surpresos positivamente pela importância dada à educação e ao estudo, itens não esquecidos por eles na entrevista. Um pouco menos festejadas estavam palavras importantes, mas que consideramos poderem estar abrangidas por outras, como felicidade, respeito, sabedoria e apoio. Destacamos duas respostas, a de um aluno que deseja ser policial, por ser bem específico no que quer fazer; e de uma atriz mirim, a qual conseguiu consolidar os vários anseios dos colegas:

"Prender bandido" – Luiz do 7D.

"Respeito, educação, amor, carinho, saúde e família" – Isadora do 7C.

ITEM 7 – Segundo o IBGE, as pessoas podem ser negras (pretas e pardas) ou não negras (brancas, amarelas e indígenas). E você, como se define?

Quanto à etnia, percebo um número bem maior de não negros nesta atual escola, em área nobre, do que nas anteriores por onde passei, em cidades-satélites. Fizemos essa observação porque nossa visão também é importante para a análise; contudo, a questão étnica não foi cortada da entrevista, para que possamos saber como a própria pessoa se sente. Podemos então atestar o seguinte resultado: 35,5% das pessoas se sentem pardas; 33,4% brancas; 12,5% negras (não especificou se pretas ou pardas); 6,3% amarelas; 6,3% em dúvida; 2,0% pretas; 2,0% indígenas; 2,0% com respostas indecifráveis. Em um dos documentos, a pessoa escreveu que sente dor no coração e a etnia ficou escrita de maneira indecifrável; o responsável foi chamado para conversar com a orientador educacional, inclusive para verificação de necessidade de acompanhamento de um profissional de psicologia.

ITEM 10 – Reservado para você me enviar uma missiva... quero dizer, “teclar um direct”.

Com essa questão com um toque de humor, tivemos a intenção de deixar a voz deles mais livre e assim nos ajudasse a entendê-los ainda melhor. Alguns pediram

desculpas e nos cumpre explicar o motivo: a aplicação do questionário foi logo após o sarau literário e ficamos decepcionados com o comportamento de alguns na sala de leitura da escola, apesar de nossas orientações a respeito – o pedido de desculpa foi por nós aceito e ficamos felizes de termos aproveitado a ocasião para falar sobre a etiqueta que se espera de um frequentador de biblioteca, ainda que seja em um evento meio festivo. Sobre aqueles que desejaram melhoras, provavelmente se referiam ao fato de ter tido o professor afonia durante as aulas. Outros enviaram frases filosóficas com destinatário impessoal, numa espécie de desabafo e isso nos foi interessante também para compor a bagagem das temáticas de interesse deles: esperança, religião, desilusão, resiliência, família, dentre outras. Houve sugestões de que nos encontrássemos com Deus, pois a influência evangélica é bem forte na atualidade. Alguns, ansiosos por terminar, pediram-nos para não responder ao item 10, tudo bem, faz parte do contexto de observação comportamental, *A Geração Ansiosa* é o nome de um dos livros de nossa referência bibliográfica. Destaco mensagens com características de autenticidade, afeto e agradecimento, nessa ordem quanto às citações a seguir:

“Não tenho nada pra falar com o senhor” – Laura do 7B.

“Muito obrigada por ter nos aguentado e que você consiga passar no mestrado. Boa sorte” – Agatha do 7B.

“Continue a encorajar os outros a virarem poéticos como você” – Davi Sampaio do 7A.

Paralelamente à importância do documento formal, queremos exemplificar como é importante o relacionamento interpessoal entre professores e estudantes, aliado à disposição de entrevistas informais e atenção às oportunidades de diálogo não programadas. Uma das alunas, enquanto andava ao meu lado a caminho dos jogos Interclasse, me disse: “Professor, sabe, eu gosto desses seus trabalhos que perguntam sobre a vida e sobre a gente, acho importante”. A partir daí, continuamos um pouco a conversa, durante a breve caminhada, até chegarmos à quadra de esportes, local do evento. Três dias depois, perguntei se eu poderia registrar o que ela me disse em uma entrevista filmada, sem aparecer o rosto, o que ela recusou. **Assim, nossa análise não despreza, muito pelo contrário, as conversas informais travadas ao longo do ano letivo, no pátio, nos jogos Interclasse;** também ficamos atentos à necessidade que surge, às vezes, de dar voz durante a aula, ainda que fora do programado para aquele dia letivo. Durante uma explicação sobre compasso musical, uma estudante de 11 anos me pediu para confidenciar para todos os colegas, naquele momento e pela primeira vez

na vida, uma particularidade da vida dela que ocorre dentro do quarto. Utilizando-se as palavras dela própria, disse-nos, dentre outras declarações: “A dança é um escapismo para eu fugir dos meus problemas mais profundos”. Depois da declaração, colocou o seu corpo em movimento, tal como observo nos espetáculos de dança contemporânea que tenho assistido. Aproximadamente um mês depois, encontramos-la triste e sozinha no banco da escola, durante o intervalo, o que nos motivou a encaminhá-la para uma conversa particular com a orientadora educacional. Voltamos a observar: essa juventude precisa ter voz, atenção e apoio.

Desafiador ouvir em silêncio os relatos de medo, de angústia, de ansiedade, de vulnerabilidade. “No quarto, eu fico menos mal (*sic*), entende?”, me disse P., menina de 11 anos de idade, residente em uma das cidade lócus, estudante do 7º. Ano do ensino fundamental. “Tiro nota boa. Aí, ninguém me percebe tanto. Veem mais a gente quando a gente fica ruim nas provas” (FERREIRA, 2023, p. 15).

Interessante ressaltar que o nome do livro da citação acima é *A Geração do Quarto*, referindo-se a um novo templo da juventude, agora que os casais costumam ter menos filhos que em gerações passadas. Com a oportunidade de crianças terem cômodos dormitórios só deles, a palavra “quarto” aparece nas falas e produções escritas dos nossos alunos frequentemente. Outro detalhe que me chamou a atenção no livro, foi a dedicatória do autor, dentre outras pessoas, para uma criança de nome Hugo, que sofreu bullying, hoje adulto... ele próprio.

4.7. Material produzido e análise

O corpo discente produziu versos, solilóquios e cenas; além de ter colaborado com o Dialeto Candango Pós-contemporâneo e ter realizado exercícios/performances/cenas teatrais, animações com celulares (aplicativo *stop motion*) e filmagens. Para analisarmos essa juventude, consideramos o material produzido pelos 103 estudantes, ainda que sem o documento de autorização porque entendemos que a gente observa o mundo e as pessoas até quando estamos sonhando; então, não haveria motivo de “apagar” o que se vivenciou. É inerente ao artista olhar, guardar na memória e transformar em bagagem para a expressão estética. Salientemos ainda que todo o trabalho referente a esta pesquisa de mestrado profissional contempla procedimentos didático-pedagógicos que visam o desenvolvimento de habilidades, para

se atingirem competências da disciplina de artes, assim como reza o Currículo em Movimento da SEEDF.

No que diz respeito ao material produzido pelos menores cujos responsáveis assinaram o documento de autorização de uso de imagem, som e escrita, detivemos então uma maior atenção, com o cuidado de arquivar em três meios diferentes, à disposição da Banca de Defesa: impresso em papel e armazenado em notebook/google drive.

Após análise, constatamos a situação de menores que querem falar, ser ouvidos, citar nomes, explicitar o que ocorre consigo mesmos, gritar às vezes, xingar às vezes. Notei uma falta de exigência, da parte dos alunos, para que haja resposta aos seus questionamentos, é como se eles se esqueçam de que dúvidas foram levantadas; ou já estejam acostumados a um mundo sem respostas; ou então já tenha sido suficiente a oportunidade do desabafo. **Notamos raios de esperança, romance e desejo em realizar projetos artísticos para se expressarem, frente a um cenário, por eles mesmos desenhado de incertezas, tristezas e decepções. Aproveitamos para denunciar aqui, amparados pelo material produzido, uma ausência de orientações da família e do Estado brasileiro, especialmente voltadas para as questões da puberdade.**

Assim, perguntamo-nos se a família conversa com os filhos, netos, sobrinhos ou tutelados... quando? Tem mesa de jantar nas casas e é utilizada? Os celulares ficam ligados ao lado dos pratos? Quando dizemos mesa de jantar, pode ser um pedaço de madeira, com uma toalha de plástico quadriculada e um banco encostado na parede, para amparar as costas daqueles que ainda tenham tempo para conversar sobre como foi o dia e quem disse o quê, e aí aconteceu que... depois surgiu aquela que... até chegar nas eventuais dúvidas sobre a vida; pois as conversas do jeito antigo fluem, ou fluíam às vezes, cada época com as suas repressões, não nos iludamos. A televisão também não está mais na sala de visitas, com um sofá e duas poltronas, tempo em que as pessoas conversavam rapidinho no intervalo da novela; ou seja, a reunião familiar ocorre quando e onde nos dias de hoje?

Perguntamo-nos também sobre as políticas de estado ou governos para os nossos alunos de 12 e 13 anos de idade, a pré-adolescência importa? Alguém se importa? Aqueles que acusaram sobre a existência de um inexistente *kit gay* nas escolas se importam? De fato? Com que, mesmo? E os que fazem plantão em hospital para esperar uma criança grávida chegar, escondida no porta-malas de um carro, para

chamá-la de assassina, se importam? Com que, mesmo? E os parlamentares que, embora não tenham obtido êxito, tentaram com todas as forças penalizar mais a estuprada que o estuprador, com que é mesmo que eles se importam? Drogas ilícitas, IST e gravidez na adolescência são assuntos importantes? Para quem?

Nós professores nos importamos? O que se tem e faz para informar e prevenir? Arriscamos dizer que sim, mas prevalece o medo de falar o que não esteja no currículo em movimento; ou seja, saia do que está explicitamente escrito no programa oficial e poderá ser queimado nas inquisições contemporâneas da Idade Média. Como uma das formas de descobrir as temáticas dramatúrgicas que mais interessariam para os estudantes refletirem, destinamos uma aula para conversarmos e debatermos, dando-lhes voz mais uma vez.

DÚVIDAS JUVENIS CONTEMPORÂNEAS

Tivemos também a ideia de disponibilizarmos envelopes com os temas mais em voga entre eles, para que fossem depositadas eventuais dúvidas. O envelope com maior número de dúvidas foi “família”, seguido de “direitos sexuais e reprodutivos”, tendo “dinheiro/emprego/sustento” em terceiro lugar. Encaminhamos os envelopes para a orientadora educacional, que providenciou respostas ao corpo discente, contando com o auxílio da vice-diretora, da supervisora pedagógica e do professor de Ciências. Para se ter uma ideia do que consideramos estar carente de orientação, escuta e apoio, eis as dúvidas juvenis dos cinco envelopes:

DINHEIRO/EMPREGO/SUSTENTO

Inter ou Nubank, qual é melhor?

Se eu tiver dinheiro, eu posso ser feliz?

O dinheiro sempre vai ser a coisa mais importante do mundo para todos?

Por que será que a gente ganha dinheiro, mas, na mesma hora, acaba?

O “Tigrinho” dá dinheiro?

Como faz um empréstimo?

Você viveria sem dinheiro? Se não, por quê? Você ganha pouco ou muito dinheiro?

Você é viciado nisso (dinheiro)? Se sim, por quê?

O dinheiro traz felicidade?

Como faz um imposto de renda/

Quando vou poder trabalhar?

Como ganhar dinheiro tendo 12 anos?

Com quantos anos pode ser jovem aprendiz? Eu consigo arrumar um emprego por agora?

Por que as pessoas se importam com dinheiro, sendo que a gente vai morrer, sendo que dinheiro é só para o próprio lazer?

Como ganhar na Megasena?
Qual é o significado do dinheiro?
Como comprar uma casa sem estudar?
Por que o pobre ganha pouco trabalhando muito e os deputados ganham muito fazendo ... (ilegível)?

DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS:

Dedo engravida?
Pode fazer sexo com fimose?
O que é fimose?
Se eu bater uma será que o pau aumenta?
Se eu estiver com gozo no dedo e enfiar na vagina, será que engravida?
Como fazemos os bebês? Quais são as posições?
Dá para ficar rica sendo do *job*?
Por que acham tão errado o sexo? É tão errado assim? Vocês fazem bando de caralho.
A partir de quantos anos posso dar?
Sexo na adolescência prejudica?
É bom fazer sexo?
Como é a sensação?
A partir de quantos anos pode dar (fazer)?
Eu já beijo na boca.
Quanto doador preciso para engravidar?
Qual é a nair (*sic*) Renér (*sic*) do mundo?

EDUCAÇÃO

Como algumas mães não fazem nada com os filhos mal-educados? Isso é um desrespeito!
Por que existem pessoas más no mundo?
Por que, em ciências, tem matemática?
Por que tem letra na matemática?
Para que tenho que saber sobre os ângulos?

FAMÍLIA

Por que família é tão significativa?
Como é ter uma família reunida, sem tantas brigas, feliz e com orgulho de você?
Como me expressar para a minha família (pai, mãe)?
Como faz para deserdar alguém e com quantos anos?
Será que minha família vai me amar, independente dos meus erros?
Por que as mulheres só estariam realizadas se tiverem filho e marido?
Você ama sua família?
Por que ninguém me escuta?
Por que ninguém me entende?
A família de vocês é boa?
É sempre necessário a gente obedecer a tudo que seus familiares pedem?
Eu necessito da minha família para ser feliz? Como eu posso me sentir feliz sem ninguém?

RELIGIOSIDADE:

Para que existe preconceito?
Por que tanto preconceito com a religião da umbanda?
O que é oxá (*sic*)? Por que a religião da umbanda dá medo?
Você vai muito à igreja?
Será que uma pessoa vive até o fim da vida sem Deus?
Por que eu vivo? Bem, se pararmos para pensar, a gente está vivo para quê? Qual é o propósito? Se é que tem, né?!

Faz sentido (para quem estiver lendo isso) para você, na Bíblia dos católicos, existir um livro chamado Macabreus (*sic*)?

Em uma das frases acima, podemos verificar que os bancos Inter e Nubank estão na memória afetiva da juventude, diferentemente dos nomes das instituições financeiras que vinham à memória daqueles que já contam hoje com décadas a mais na idade. Nesse caso específico, deixamos para reflexão: como poderíamos chamar os mais velhos que pensam em Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, “ultrapassados” ou “experientes”? Para colocar lenha na fogueira dessa reflexão, acrescentamos que aqueles mais velhos talvez já tenham tido a oportunidade de morar, como exemplo, no sertão brasileiro; assim, podem ter presenciado a recusa dos bancos particulares em investir tempo, cérebro e pessoal, na prospecção de necessidades financeiras e nos aportes de recursos, em relação a regiões inóspitas.

A questão ora colocada não é por levantamento de bandeira contra a privatização, entendamos como uma preocupação os efeitos de se conhecer e acreditar na multiplicidade de informações pobres das redes digitais de um mundo paralelo. A juventude, grudada com seus *smart phones*, tem acesso às múltiplas descargas de informações, mas resumidas aos ângulos estreitos das oligarquias mundiais que dominam os canais globais de divulgação... estreitos propositalmente. Noventa por cento dos alunos de nossa escola não sabe quem foi o roqueiro Renato Russo, aquele que immortalizou a expressão “Que país é esse”. A mesma percentagem sabe quem é Justin Bieber, aquele que imortaliza “Baby, baby, baby, oh”. A intenção não é mostrar como somos os idosos “quadrados”, gostaríamos de enfatizar, sim, que hoje os mais ou menos jovens não conversam com os seus pais idosos, nem com os seus filhos; daí, não saberem sobre as experiências sertanejas dos pais, ao passo que também não contam sobre as suas próprias experiências roqueiras aos filhos.

Exemplo: no dia 22 de novembro de 2024, em um café de Brasília, presenciamos um casal de pessoas mais ou menos jovens com um filho bem criança e uma filha pré-adolescente – o pesquisador, assim como o ator, precisa olhar o mundo! Pois bem, olhamos, cada um deles estava tomando sorvete, ao tempo em que não conversavam

uns com os outros, e sim “mexiam” nos seus respectivos celulares. Resumo: eram quatro indivíduos e quatro aparelhos tecnológicos repletos de múltiplas informações estreitas. A pré-adolescente não era nossa aluna, mas na mesma faixa etária. O que ela lia? O conteúdo era apropriado para a idade? Quem garante e filtra? Poderia ser um *chat* (papo)? Quem estava na rede com ela? Que idade dizia ter? Que idade tinha? Não sabemos ao certo! Alguém sabe de fato? Quem se importa? Os bandidos e os riscos estão apenas nas esquinas escuras da realidade? *Baby, baby, baby*, oh!

Temos sempre que ter em mente dizer sim às modernidades, inclusive como instrumental ou chamariz ao que se pode dizer em seguida. Cumpra-se, contudo, o papel do magistério na diversificação de informações, hoje tão múltiplas e paradoxalmente tão estreitas. Queremos enfatizar que a escola, como instituição, é uma parte de suma importância na construção da personalidade cidadã, quer seja do estudante, da família ou da comunidade. Nossa experiência é com o ensino básico público e gratuito, tendo como grande referência dessa importância uma situação que presenciamos no velório de um aluno de 13 anos de idade, apaixonado por artes cênicas, para quem ministrávamos aula em 2019: a jovem mãe do filho falecido precocemente manteve-se forte até o momento do fechamento da urna funerária, quando disse apenas a frase “Quando der a hora de voltar da escola e você não aparecer em casa, o que eu faço”? A escola, como instituição, esteve presente até mesmo no último diálogo terreno! Naquele cemitério distante da cidade, estavam alguns familiares, alguns amigos, três professores e um ônibus lotado de colegas da escola – o pai chegou algemado e trazido por policiais, pois teve o direito de sair da prisão para se despedir do filho. Tivemos a oportunidade, infelizmente triste, de conhecer muito sobre a vida em só dia, mesmo tendo nos recusado a ler o laudo *causa mortis*, em respeito à imagem do ator mirim.

Gostaríamos que as autoridades brasileiras que se apressem em falar de educação e estabelecer diretrizes, tivessem antes uma bagagem sobre a vida no ensino público e gratuito, no chão da fábrica digamos assim – a sala de aula e seus arredores sociais do mundo real.

VERSOS, SOLILÓQUIOS E CENAS

Além da família e escola, a política e os índices de violência do país têm tido grande influência no comportamento do corpo discente. Entendamos como violência, nesse caso, a cultura do ódio, a banalização da morte e os índices do país nos quesitos de preconceitos e misoginia. Por exemplo: o Brasil desfila comportamentos vergonhosos

de violência contra a mulher; assim, não consideramos por acaso que as professoras reclamem mais que os professores homens, no quesito desrespeito por parte dos alunos. Mais uma vez, lembramos que nossas análises não se prendem somente ao que nossa foi escrito na ressignificação das dramaturgias, tampouco no que lemos nas entrevistas oficiais realizadas.

Selecionamos dois versos, um solilóquio e um trecho de cena, os quais consideramos bem contundentes para amparar a nossa análise deste item **4.7 Material produzido e análise**. Tal seleção pertence ao conjunto de material cujos autores tiveram a autorização de uso de imagem, som e escrita assinada pelo responsável e disponível para consulta. Eis aqui:

VERSOS:

“Não estou aqui à toa, estou aqui para me alegrar” – Davi Sampaio do 7A.

“A vida é muito melhor com elas” – Laura, 7B.

SOLILÓQUIO:

“O que ou quem sou eu? Essa é minha maior dúvida, ou, até o que ou quem eu vou ser aff que chato não se conhecer, mas como eu não me conheço? Doze anos sendo eu... seria impossível não me conhecer. Será que mentem para mim? Pois a única certeza é meu nome João... ou será que não? Eu não me lembro de nada disso! Enfim, a única certeza da vida é que ela é limitada a uma caneta preta” – Ruan Riquelme do 7C.

CENA:

Ninguém vai dizer nem entender

EDSON: *(no corredor)* Minha filha, você não pode fazer isso!

VIVIPA: *(indo ao quarto)* Por que não? É errado?

EDSON: *(na porta do quarto)* Não! Mas não é o certo!

VIVIPA: *(adentrando o quarto)* Oxe, é errado eu ser eu mesma?

EDSON: *(ainda na porta)* Vivipa, numa família como a nossa, isso é errado!

Kamila do 7B

4.8. Cumprimento dos objetivos

Revendo os objetivos específicos do item 3.6, consideramos que cumprimos o planejado, sendo que houve uma ênfase em conhecer o corpo discente, o que estamos classificando de viés antropológico; assim, temos a alegria (ou ousadia) de dizer que colaboramos no reforço de identidade, uma vez que demos voz e convidamos nossa população analisada para ampliar horizontes, poetizando a existência e se enxergando melhor no outro e no mundo.

4.8.1. Aplicação metodológica do projeto

Detalhando nossa linha de ação, especificamente com vistas ao sucesso da pesquisa, realizamos:

- a) No primeiro bimestre de 2024, trabalhamos com artes visuais e não perdemos a oportunidade de trazer os estudantes para uma introspecção e prática do trabalho em equipe;
- b) A dança foi trabalhada no segundo bimestre e já podemos desenvolver movimentos corporais e a extroversão;
- c) Finalmente, as artes cênicas, coração da nossa pesquisa, ocorreu no terceiro bimestre e enumeramos os seguintes procedimentos didático-pedagógicos:
 - I) Teoria sobre artes cênicas;
 - II) Contextualização do nosso projeto de pesquisa;
 - III) Visita à biblioteca da escola, com leitura dramática de três gêneros de dramaturgia, quais sejam, comédia, drama e realidade fantástica, dos autores Ariano Suassuna, William Shakespeare e Maria Clara Machado, respectivamente;
 - IV) Discussão sobre as temáticas dominantes nas mentes e rodas de conversa da juventude atual;
 - V) Recolhimento de dúvidas anônimas sobre os temas mais votados como interessantes;
 - VI) Plagiando o personagem “professor”, da película *Sociedade dos Poetas Mortos*, perguntamos qual seria o verso que cada aluno ofereceria para colaborar com a vida, se essa fosse uma poesia (aquele professor, por sua vez, inspirou-se em Walt Whitman;

- VII) Apresentamos a frase célebre “ser ou não ser, eis a questão”, convidamos os estudantes a se apropriarem dessa divagação e criarem um solilóquio que tivesse a ver com os anseios e receios nos dias de hoje;
- VIII) Depois de todo o incentivo que demos, conforme as alíneas acima, aliados aos nossos convites à apropriação de dramaturgias, com introspecção e reflexão, os estudantes escreveram uma cena, podendo ressignificar a literatura apresentada, disponível em nossa biblioteca escolar, em especial às peças *O Auto da Compadecida*, *Romeu e Julieta* e *A Menina e o Vento*, de Ariano Suassuna, William Shakespeare e Maria Clara Machado, respectivamente;
- IX) Participação no sarau literário da escolar, com leitura dramática de cenas teatrais já existentes ou de própria autoria;
- X) Conseguimos 25 autorizações dos responsáveis para uso de imagem, voz e escritos dos alunos do sétimo ano do ensino fundamental da nossa escola CEF104 Norte, conforme modelo no APÊNDICE III e as autorizações preenchidas estão disponíveis, tanto impressas como escaneadas e arquivadas no endereço eletrônico <https://drive.google.com/drive/folders/1iGiJQUND7dXmrWG1yrim8PVasJPtaQBU>;
- XI) Colhemos entrevista escrita da população a ser analisada, conforme modelo no APÊNDICE III e as entrevistas preenchidas estão disponíveis, tanto impressas como escaneadas e arquivadas no endereço eletrônico <https://drive.google.com/drive/folders/1-ygqKKeX1S3qhWAf8FD8YwdA88Uto2Mk>;
- XII) Tivemos artigo expandido aceito, para comunicação oral, no 13º. SPA – Seminário de Pesquisas em Andamento, sob mesmo título desta pesquisa, *ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA: Apropriação de Dramaturgias para Reforço de Identidade*;
- XIII) Outro artigo, sob título *A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ARTE-EDUCAÇÃO*, foi aceito, também para comunicação oral, no XXXIII ConFAEB – Congresso da Federação de Arte-educadores do Brasil.

4.8.2. Contribuição etnográfica sobre o comportamento estudantil

Na análise dos resultados dos procedimentos didáticos-pedagógicos citados nos incisos acima, conseguimos conclusões, verificações, comparações com alguma literatura pesquisada ou simplesmente classificamos como observações para eventuais estudos posteriores. Lembrando que nos referimos ao corpo discente do 7º. Ano do ensino fundamental da nossa escola, no atual contexto de uso excessivo e descontrolado dos aparelhos celulares, com seus apelos viciantes, tais como *WhatsApp*, *games* e redes sociais:

- a) Notamos que, pela vivência em sala de aula, consideram uma vitória achar, no *google*, a resolução para um dever de casa, sendo que não sabem falar a respeito do que copiaram – o que é ainda pior, às vezes, copia-se uma criação de desconhecidos como sendo a sua própria, sem saber que assim se constrói uma fraude;
- b) Verificamos que a esmagadora maioria não coloca pontuação, acentuação ou letra maiúscula para iniciar uma frase – no *zap*, isso é permitido;
- c) Observamos que não estão preparados para receber um *feedback* de aprimoramento, querem tão somente elogios, como se fosse algo terrivelmente traumático ter que ajustar ou mesmo refazer um trabalho – exemplificando frases consideradas desastrosas de se ouvirem, citamos "não ficou bom", "você não fez o que foi pedido", "não consegui ler, está ilegível" – por falar em ilegibilidade, gostaríamos de escrever aqui um desabafo, "por favor, voltemos à época em que o caderno de caligrafia não era demonizado";
- d) Constatamos que está aumentando o número de questões não respondidas, não só nas avaliações da disciplina de arte, como se o olhar tivesse pressa em chegar ao final do papel e não estivesse acostumado a voltar ao topo para uma revisão das respostas – nesse caso de questões impressas, quem tem que voltar ao topo é justamente o olhar humano sob um comando cerebral, em vez da navegação robótica, passiva e viciante existente nas telas digitais;
- e) Cresce também o número de estudantes que não coloca o nome nos trabalhos a serem entregues, é como se estivessem enviando um *zap*, que não precisa assinar – alguns escrevem o nome, mas de maneira incompleta, numa pressa descomunal, já beirando as fronteiras da inércia corporal –, não vamos caracterizá-los como preguiçosos, tendo em vista serem de fato vítimas de um

um mundo novo e descontroladamente digital.

4.8.3. Comparação com literatura ligada à psicologia

Na comparação com a literatura pesquisada, não teceremos muitos comentários sobre transtornos mentais de ansiedade ou pensamento acelerado, para não correremos o risco de realizarmos uma abordagem psiquiátrica superficial, mesmo porque o campo da saúde não é o foco desta pesquisa. Não queremos dizer com isso que não tenhamos dado atenção à psique humana, sabemos que, se estamos confirmando o que denuncia o livro *A Geração Ansiosa*, é importante tomar conhecimento do que seja um diagnóstico de transtorno do pensamento acelerado, transtorno de ansiedade generalizada e depressão ansiosa. Realizamos, por exemplo, vários exercícios teatrais com os recursos de congelamento e câmera lenta, o que nos obrigava a todos, professor e alunos, a parar, refletir e prestar atenção na riqueza de cada fragmento do movimento corporal, além de diminuir a aceleração na rotação dos nossos pensamentos.

Se os alunos são sempre obrigados a realizar tarefas excessivas ou são perseguidos em razão de suas diferenças identitárias, no lugar de ser um espaço e um templo protetor das crianças e dos adolescentes – como prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) –, a escola se torna um inferno (FERREIRA, 2023, p. 56/57).

Voltamos a lembrar que sempre estivemos em acordo com a orientadora educacional da escola, que nos apoiou fortemente em casos em que notamos a necessidade de conversar com os estudantes, seus responsáveis ou mesmo realizar encaminhamento a profissionais de psicologia. Do livro *Geração Ansiosa*, daremos especial atenção ao fato de ele ter sido lançado recentemente e conter observações sobre cenários de jovens tão distantes fisicamente de nossa cidade, contudo tão perto no ponto de vista emocional.

Se os eventos mundiais desempenharam um papel na crise de saúde mental de hoje, não é porque eles pioraram de repente, por volta de 2012, e sim porque de repente os eventos mundiais entravam nos cérebros adolescentes através dos *smartphones*, não como reportagens, mas como publicações nas redes sociais em que outros jovens expressavam suas emoções sobre o mundo em colapso, emoções que nas redes se

tornam contagiosas (HAIDT, 2024, p. 62).

Estamos vivenciando um momento ímpar e, ao mesmo tempo que nos horrorizamos com o cenário, consideramo-nos privilegiados em estar constatando ocorrências que só uma literatura assim tão recente poderia traduzir ou, pelo menos, apresentar hipóteses para explicar tantos casos de jovens com depressão, suicídio, automutilação etc.

A indústria farmacêutica só foi capaz de influenciar a prescrição dos médicos quando se aliou aos médicos pesquisadores acadêmicos, aos profissionais de associações médicas e órgãos de regulamentação (a Federação dos Conselhos Médicos Estaduais e a Comissão Conjunta) e à FDA (Food and Drug Administration). Juntas, essas diferentes facções manipularam e adotaram uma concepção equivocada da ciência médica, fosse de propósito ou não, a fim de atender aos próprios interesses (LEMBKE, 2023, p. 74).

São muitos os fatores a serem analisados para decifrar o que ocorre e como podemos apoiar a juventude atual. Ainda da mesma autora acima, para mostrar como os diferentes estudiosos ampliam o leque de possibilidade de análises e opiniões:

"Os cigarros transformaram-se em cigarros eletrônicos e bolsas de nicotina Zyn. A heroína passou a ser oxicodona, embalada como um novo produto, a maconha tornou-se medicinal. Mal tínhamos nos comprometido com a abstinência e nossa velha droga reaparece, lindamente embalada como um novo produto, a preço acessível, dizendo: "Ei, sem problemas, agora faço bem para você" (LEMBKE, 2024, p. 110).

Não temos a mesma competência que a Dra. Lembke para falar sobre medicamentos, mas gostaríamos de lembrar que existem muitos relatos a respeito do princípio ativo da maconha, o canabidiol, no sentido de que ele trouxe alívio, conforto e felicidade para pessoas e famílias com certos problemas crônicos de saúde; além disso, entendemos que a maior crítica da autora, em livros, palestras e entrevistas, é quanto ao exagero na medicalização de uma maneira geral.

Apesar de não sermos psicólogos ou psiquiatras, sem falsa modéstia, nós, os arte-educadores, temos um poder de observação da vida e das pessoas bem apurado porque não se pode alcançar o sublime das artes sem verificar, sentir e perceber. Não seria à toa a frase de Pina Bausch, quando diz "Se quiser entender a arte, sintá-la". Assim,

gostaríamos de opinar, colocando que muito da situação depressiva da juventude atual se dá pela navegação no mundo virtual dos influenciadores e celebridades, envolvidos em filtros e excentricidades, algo meio que inatingível para o mundo palpável do cotidiano, digamos assim.

... em muitas situações nós nos alinhamos com o comportamento dos outros porque, quando a realidade física se torna cada vez mais incerta, as pessoas confiam mais e mais na “realidade social”. Ou seja, o comportamento de outras pessoas é o melhor guia disponível para compreender o que está acontecendo (ARONSON, 2023, p. 141).

Esta pesquisa deu voz à juventude, chegou junto e olhou para ela, convidando-a a se apropriar de dramaturgias, numa ressignificação existencial que reflete e reforça a identidade. Lemos, contextualizamos, conversamos, debatemos, divagamos, poetizamos, apresentamo-nos e sobretudo escrevemos!

CONSIDERAÇÕES

Descobrimos que os alunos, pessoas numa média de 12 anos de idade, leem pouco, escrevem mal, têm tendência para depressão, sofreram o enclausuramento da pandemia covid-19, sentem apego excessivo ao celular, vivem se comparando a celebridades nas redes sociais, seguem *digital influencers*, aderem cada vez mais às religiões evangélicas, dão importância a dinheiro/família/Deus, não conhecem diversidade de música/artista/cultura, tornam ágeis os dois polegares para digitação nas redes sociais, mantêm o movimento do corpo quase inerte ou mecânico nos trabalhos artísticos corporais, têm conteúdo filosófico surpreendente para expor, mas dificilmente encontram a oportunidade e apoio para soltar a voz (ou o texto), prejudicando então a vazão expressiva sensível, com necessidade de um processo criativo autoral e sistemático.

O fazer didático-pedagógico de qualidade é a mais importante receita para resolver uma humanidade adoecida, inclusive desorientada por crises institucionais da política, das famílias e da educação. No que concerne ao ensino, temos de fato problemas graves. “... baixa remuneração; desqualificação e fragmentação do trabalho do professor; perda real e simbólica de espaços de reconhecimento social; heteronomia

crescente e perda de controle do professor em relação ao seu trabalho” (SILVA, 2019, p. 88). Está dentro dessas crises, ou desse projeto de poder, como diria Darcy Ribeiro, a desvalorização do professor, profissão que abraçamos e fazemos de tudo para dignificar. **Paralelamente e não menos sofrido, temos o corpo discente no risco de ter seu senso crítico sequestrado, por oligarquias político-financeiras com sede de dominação, por engrenagens travestidas de educação moderna cosmopolita.** Há instituições com pele de cordeiro à disposição para atuar, junto aos governos, na investigação da situação educacional brasileira e na apresentação de soluções simplistas para os problemas. As informações a respeito de tamanho “altruísmo” transitam rapidamente pelas redes sociais, nublando o panorama com enganos lucrativos.

Nesta dissertação, sem medo de errar, denunciemos que nossas crianças de 12 e 13 anos fazem parte de uma faixa etária esquecida pelo poder público, do ponto de vista das políticas de informação e apoio, específicas para os direitos, desejos e receios na puberdade. Sempre nos perguntamos, por exemplo, como uma escola com mais de 300 alunos nessa fase da vida não possui um profissional de psicologia de plantão. Não consideramos que a sala de orientação educacional seja uma providência suficiente para a saúde mental do corpo discente, não por falta de competência ou dedicação, mas pelo fato de que cada um tem autoridade na sua área específica de estudo, cargo e lotação.

Os menores de idade estão à mercê do disparo de cargas informativas digitais, em inúmeros canais, graças ao mundo tecnológico globalizado e interligado. Sobre a responsabilidade dos emissores em falar verdades e o controle de conteúdo inapropriado, estamos longe de conseguir a eficiência e rapidez do teleprocessamento do próprio disparo. **Alguém está preocupado com a faixa de idade em questão escolhida nesta pesquisa? Quem? Eles têm voz? Quem lhes dá a voz?** Uma aluna nos disse que gostaria que os pais lhe perguntassem como anda a cabeça dela.

“Sou proibida de dançar”, “Eu quero ser modelo”, “Eu sou viúva”, “Professor, eu preciso arranjar dinheiro” “Eu não posso dançar”, “Professor, eu me sinto perdida”, “Eu tentei o suicídio”, “Não houve *big bang*, foi Deus” ... São falas que já ouvimos de meninas de aproximadamente doze anos; os rapazes de mesma idade falam menos, mas já ouvimos “Eu não sigo a ciência, eu sigo Cristo”, “De madrugada, eu ouvi rajada de metralhadora”, “Eu quero morrer”, “A violência é uma coisa que está dentro de todos nós”, “Eu quero ser polícia”, “Quero ser bandido como meu pai”, “Eu quero matar os

bandidos”. Além disso, ainda quanto aos rapazes, que talvez se sintam menos incentivados à expressão artística, já tive notícias de que um foi assassinado e um outro se matou, para nos referir a escolas em que estivemos anteriormente, em área conhecida como zona de tráfico.

Nosso Estado é laico, amparamo-nos no Currículo em Movimento da SEEDF e tomamos cuidado no magistério de uma disciplina sensível como a arte. Nossa postura é imparcial, se é que existe não ser tendencioso. Em algumas casas, nas quais não entro, mas deduzo pelo comportamento juvenil que observo, deve-se falar em religião e crenças, algumas bem rígidas. Nas redes sociais digitais, há apologia ao músculo, cintura, rebolado, cílios postiços, unhas postiças, *botox nos lábios*, silicone nos glúteos, filtros para fotografias, dinheiro; negam-se as vacinas, terraplana-se o planeta, demonizam-se as religiões de matrizes africanas; as meninas são chamadas de cachorras preparadas e os rapazes são incentivados a terem muito ouro pendurado no pescoço e uma arma na mão. Realmente é de se sentir perdida ou querer morrer.

Consideramos que apresentamos, nesta dissertação, dados etnográficos significativos sobre a pré-adolescência e possibilidades de trabalho na ampliação do imaginário pela arte-educação, especialmente em referência à dramaturgia.

Acusamos uma valorização atual excessiva do corpo sobre o pensamento e a palavra, daí a relevância que atribuímos à leitura de clássicos, contextualização e ênfase no texto ressignificado. Um conjunto de problemas foi considerado, pois, apesar do culto ao corpo, por incrível que pareça, não verificamos uma mobilidade física abundante e original em contrapartida. Nossa juventude tem dificuldade para ler, escrever e entender um parágrafo; e não movimenta bem o corpo também. Gosta de copiar as coreografias robotizadas do modismo *k-pop* e escolhem como divertimento os gestuais repetitivos curtos do *tiktok*. Que dobradinha paradoxal triste: não tem texto reflexivo e não tem corpo criativo! Por quê? A agilidade está apenas na mobilidade dos dois polegares para digitação nos telefones celulares. Quando pedimos, por exemplo, para ocupar o espaço do palco sem deixar buracos, o resultado é de insucesso infelizmente porque há prejuízo da visão espacial no mundo real, fora da tela tecnológica de foco estreito e direto.

Numa avaliação formativa com alíneas “a”, “b” e “c”, contendo comandos para serem realizados numa figura abaixo das alíneas, todos os estudantes de uma sala só atenderam ao que estava sendo pedido na alínea “a”. A inércia corporal atingiu a pupila que não voltou a mirar acima da figura, para atender ao que se pedia nas alíneas “b” e “c”. O embasamento bibliográfico a respeito é de descoberta muito recente, fruto

atualíssimo de apego compulsivo e viciante da nova juventude aos canais digitais, com desprezo pela vida digamos real, lá fora, na terra, no mar, na mata, no curral, no pomar, na lama, nas calçadas, na vida física ao redor, acima, no meio e abaixo. O corpo está parado aguardando os *links* surgirem sempre abaixo, sem necessidade de se rodopiar a pupila para cima da folha de papel, que apresenta um texto estático justamente por ser papel. Incluímos, em nossa revisão de literatura, o livro *A Geração Ansiosa*, de Jonathan Haidt, que chegou a Brasília em julho de 2024. É preocupante e intrigante verificar que o corpo inerte pode ter uma ligação paradoxal com a ansiedade de quem se viciou na navegação automática de uma tela digital, com toda a sua rapidez de processamento, apresentação de *hiperlinks* e acúmulo de palavras.

Supomos ser necessário exercitar o teatro físico, dentre as demais vertentes de fruição estética indicadas no currículo em movimento; contudo, há de se salientar a necessidade primeira de saber ler, escrever e falar, pela própria importância de levantar uma questão, refletir sobre o mundo, debater, defender, conscientizar e enxergar horizontes esperançosos, para o caos em que se encontra o contemporâneo. Há estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental II que não conseguem ler o que eles mesmos escrevem; outros se admiram quando dizemos que, na redação dos concursos públicos para ingresso na faculdade, é necessário acentuar as palavras de acordo com o padrão oficial da língua portuguesa. É problema da disciplina língua portuguesa? Não só, o caso é grave, um problema generalizado e preocupante – afirmamos que urgem providências de todas as disciplinas para melhoria do letramento no Brasil!

Chegamos à conclusão de que, sem o exercício da palavra, prejudicamos o pensar. Apesar de o próprio fazer teatral acadêmico atual estar em ritmo de valorização do teatro físico sobre a voz, não é o que propomos neste momento em que a massa brasileira juvenil pensa que acessa tudo, acredita em quase tudo, reflete pouco e não escreve nada. Nossa opção nesta pesquisa, para o exercício da arte-educação para a pré-adolescência, no desenvolvimento da capacidade de observação de caso com reflexão crítica, foi pela tríade ator, plateia e principalmente texto. **Na prescrição médica para os gregos antigos, constavam ervas e uma peça de teatro a ser assistida; hoje indicamos tão somente o texto das artes cênicas porque ainda não entendemos de ervas.**

Resumo da ópera: receitamos a dramaturgia!

REFERÊNCIAS:

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. 1ª ed. São Paulo: Editoras Bookman e Artmed, 2009.

ARISTÓTELES. **Poética**. 6ª ed. Brasília: Casa da Moeda, 2000.

ARONSON, Elliot. **O Animal Social**. São Paulo: Goya, 2023.

ARISTÓTELES. **Poética**. 6ª ed. Brasília: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

CARLOS, Antônio; CORTEZ, Suzana (org.). **Conversas com Linguistas – Virtudes e Controvérsias da Linguística**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRANDÃO, C. R.; LEAL, A. Com saber, sentido e beleza: a arte e a educação. **Revista Diálogos**, v. 9, p. 7-19, 2008.

CAFÉ, A.B. **Princípios e Fundamentos para o Contador de Histórias Aprendiz**. Lisboa: Lisbon Press, 2020.

Canal USP – Projetos de Pesquisa na Área de Humanidades (Aula 4, Parte 1)

https://www.youtube.com/watch?v=lfRa5t2W7Y&list=PLAudUnJeNg4vWJhEJ_da26C-QW5qiS7uZ acessado às 10h30 de 27/05/2023

CARRANCA, A. **MALALA, A Menina que Queria ir para a Escola**. 11ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

CASTRO, B.G. Do amor e outras mortes: Relendo Romeu e Julieta em tempos de pandemia. *Revista Sociologia & Antropologia*, vol. 11, Nº 6 (2021). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/M7q6RzQBywNswrMzsWbR5Vw/#> Acesso em 17/07/23.

CHIAMULERA, M. Histórias da nossa História: processos de criação para a contação de histórias. **Revista Rascunhos**, v.7, p. 23-36, 2020.

COSTA, I. P.; MALETTA, E.C. A Ação Vocal em Jogo: possíveis estratégias metodológicas para a disciplina de Expressão Vocal no Teatro. **Revista Voz e Cena**, v. 01, p. 08–21, 2020.

CURRÍCULO EM MOVIMENTO, SEEDF- GDF. Disponível em:

https://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2018/02/Curriculo-em-Movimento-Ens-Fundamental_17dez18.pdf.

Acesso em: 10/10/2023.

Curso de Escrita Acadêmica – Rosana Pinheiro-Machado

<https://www.youtube.com/live/UAzzxvXuF9g?feature=share&list=PLB-VAwdZA2BFiZxjGJjubPM8Mj9BXU6vg> acessado às 11h45 de 27/05/2023.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 18ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

ESSER, C. D., De Romeu e Julieta ao amor líquido: O desafio das dimensões temporais. Disponível em <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=d397c2b2be2178fe> Acesso em: 17 de julho de 2023.

FERREIRA, Hugo Monteiro, **A Geração do Quarto**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias à Psicanálise**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2019.

G1, <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>
engels spiritus
e<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox?projector=1>

GALVÃO, L. H., **Instagram** mentevo.
<https://www.instagram.com/reel/CwQullwO6UI/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>, Acesso em: 27/08/2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GROTOWSKY, Jerzy. **Para um Teatro Pobre**. 2ª ed. Brasília: Dulcina, 2011.

HAIDT, Jonathan. **A Geração Ansiosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

HELIODORA, Barbara. **O Teatro Explicado aos meus Filhos**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2008.

ISHIDA, Válder Kenji. **Estatuto da Criança e do Adolescente – Doutrina e Jurisprudência**. 17ª ed. Salvador: Editora JusPODVM, 2016.

JUNG, Carl.G. **O Homem e os Seus Símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KIRINUS, Glória. **Synthomas de Poesia na Infância**. 2ª reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2011.

KOUDELA, I. D. Dramaturgia como performance alegórica. **Revista Sala Preta**, v. 21, p. 27-48, 2022.

LAVILLE, C., DIONNE, J. **A Construção do Saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEMBKE, Anna. **Nação Dopamina**. 9ª reimpressão. São Paulo: Vestígio, 2024.

LEMBKE, Anna. **Nação Tarja Preta**. São Paulo: Vestígio, 2023.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao Teatro**. 7ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2003.

MALANCHEN, J.; MATOS, N. da S. D. de; ORSO, P. J. **A Pedagogia Histórico-Crítica, as Políticas Educacionais e a Base Nacional Comum Curricular**. Campinas: Editora Autores Associados, 2020.

Manual de Estilo Acadêmico da UFBA
<http://www.ppgclip.faced.ufba.br/sites/ppgclip.faced.ufba.br/files/manual-de-estilo-academico-6ed-ri.pdf> acessado às 16h de 27/05/2023

MARQUES, Fernando. **Com os Séculos nos Olhos: teatro musical e político no Brasil dos anos 1960 e 1970**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Material de Disciplinas da USP

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3566250/mod_resource/content/1/Formul%C3%A7%C3%A3o%20do%20problema%20-%20objetivos%20e%20quest%C3%B5es%20e%20justificativa%20do%20estudo%20-%20Cap%C3%92ulo%203.pdf acessado às 8h15 de 27/05/2023.

MATOS, N. S.D. de, SOUSA, J. de F. A, SILVA, J.C. da. **Pedagogia Histórico-Crítica: Revolução e Formação de Professores**. Campinas: Armazém do Ipê, 2018.

MEDEIROS, C. E. G. M. Voz aos pedaços: reapropriação do fabular através das ausências. **Revista Voz e Cena**, v. 04, p. 51-62, 2023.

OLIVEIRA, R. J. F. de. A posição do narrador no romance contemporâneo. **Revista Caleidoscópio: Literatura e Tradução**, v. 5, p. 34-63, 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 30ª ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Vozes, 2022.

PASCHE, A.; BAFFI, D.E. Bertolt Brecht e Palhaçaria: O riso para a construção de novas lógicas de mundo. **Revista O Mosaico**, v. 15, p. 390-412, 2022.

PEGORARO, Carla R.; HOFFMAN, Dayane. A Releitura no Ensino de Arte. **Anais da XI Jornada Científica da Univel**, Cascavel, 29/outubro/2013. 53-58. Acesso em: 02 novembro 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Revisão de Literatura – Levantamento Bibliográfico UFRJ 2022 – Centro de Tecnologia da UFRJ
<https://www.youtube.com/watch?v=VO10TABuA4U> acessado às 14h de 27/05/2023.

RIOS, Terezinha A. **Compreender e Ensinar: Por uma Docência da Melhor Qualidade**. 2ª ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2013.

ROCHA, C. A. N., RIBEIRO, M. E. S., **O Condomínio no Divã**. Rio de Janeiro: Veridelas, 2021.

SARAIVA, Deise (org.). **A Arte de Contar Histórias: Escritos, Memórias e Vivências (Volume I)**. São Bernardo do Campo: APMC, 2024.

SHAKESPEARE, William. **Medida por Medida**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.

SILVA, Katia. A. C. P. C. Pós-Graduandos Stricto Sensu, a pesquisa e as condições de trabalho na educação básica: Uma tríade desarticulada. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 17, p. 79-96, 2019.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

VELOSO, Graça. Paradoxos e Paradigmas: A Etnocenologia, Os Saberes e Seus Léxicos. **Revista Repertório**, v. 26, p. 93, 2016.

XAVIER, A.C., CORTEZ, S. **Conversa com Linguistas**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

APÊNDICE I

DIÁRIO DE BORDO COM FOCO ETNOGRÁFICO

ENSINO MÉDIO NOTURNO EM SUBÚRBIO

2001

- Liberamos uma senhora de 55 anos de se apresentar com as colegas bem jovens porque ela disse sofrer por dizermos que seria obrigatório – pois ela acabou pedindo para participar e participou, dançando com figurino, maquiada, feliz e no ritmo;
- Algumas alunas eram impedidas de comparecer, por motivos religiosos, às aulas da sexta de noite, quando eu ministrava artes para a turma delas – então nunca me viam e realizavam trabalhos escritos para “passarem de ano”;
- Perguntamos por que os olhos de um estudante de 21 anos estavam embaçados, no que respondeu trabalhar com solda, sem utilização de óculos protetor, pelo medo de cair do andaime – não havia cinto de proteção;

2002

- O Museu da Imprensa ligou para avisar que nossa aluna tinha conseguido o primeiro lugar em redação no DF e a direção da escola ficou com medo de ser trote, mas não foi, ela ganhou um prêmio significativo em dinheiro e eu um diploma de Amigo da Imprensa, com solenidade e Hino Nacional;
- Perguntamos a um aluno o porquê de não ter realizado trabalho algum, no que respondeu traçando a sua rotina diária de acordar às 5h da manhã, pegar na enxada, parar para almoçar, pegar na enxada de novo, tomar banho, ir para a escola às 17h, sair da escola às 23h15, pegar ônibus, montar no cavalo levado ao ponto de ônibus por seu pai, chegar em casa e dormir à 1h da madrugada;

2003

- A turma tida como a mais complicada da escola nos ensinou a importância de conversar com o corpo discente e nos escreveu uma carta de despedida, quando pedi exoneração da minha primeira matrícula – guardamos o escrito na pasta de diplomas.

ENSINO PÚBLICO DIURNO FUNDAMENTAL II EM SUBÚRBIO

(região com tráfico de drogas)

2018

- Na minha primeira semana de aula, solicitamos uma cena do cotidiano deles e uma menina saiu da sala dizendo que iria buscar uma pedra – qual tipo de pedra, não

perguntamos e ela retornou dizendo que não a havia conseguido;

- Numa fala nossa contra o bullying, uma menina de doze anos se levantou e falou baixinho que havia tentado o suicídio;

2019

- Perguntamos a uma turma o porquê de terem feito corredor polonês para um colega, no que uma menina respondeu que ele era quietinho demais.

ENSINO MÉDIO PÚBLICO DIURNO DE COLÉGIO CÍVICO-MILITAR EM SUBÚRBIO (região de tráfico de drogas e época da pandemia de covid-19)

2020

- Uma mãe nos enviou *zap* desesperadamente às 2h da madrugada, perguntando o porquê de termos tirado a prova do ar, na plataforma virtual de aprendizagem – a família só havia conseguido comprar o celular naquela data, para que a estudante realizasse as provas;

2021

- Fiquei como coordenador pedagógico por um semestre letivo e pedi para voltar para a sala de aula, preferi o contato direto com os estudantes;
- Os alunos realizaram trabalho de estilismo, cujo desfile teve a presença de um estilista convidado notório na cidade, o qual ficou impressionado com o respeito à diversidade;
- Ouvimos por três vezes diferentes alunas dizerem a mesma frase após o retorno do recolhimento em casa pela pandemia: “Professor, eu me sinto perdida”;
- Um aluno da escola, o qual não conhecemos, se suicidou e nos faz pensar sobre o fato de rapazes verbalizarem menos sobre as suas angústias que as moças, as quais costumamos então encaminhar para O.E. – Orientação Educacional, na tentativa de não chegarem ao desespero;
- Fundamos uma banda de rock e o colégio era muito estruturado em termos de instrumentos musicais.

ENSINO PÚBLICO DIURNO FUNDAMENTAL II EM ÁREA NOBRE (ainda com efeitos pós-pandemia covid-19)

2022

- Um aluno disse que achava lindo um cantor, tipo celebridade do K-POP e, quando criticado por alguns dos colegas o fato de achar lindo alguém do mesmo sexo, repetiu em pé, com som alto e firme, a reafirmação do seu gosto;

2023

– Perguntamos para uma turma o que a juventude queria e um aluno respondeu “a juventude quer morrer, para se livrar de umas coisas da vida” – encaminhamo-lo para a O.E. – Orientação Educacional;

– Perguntamos para uma turma “o que é família”, no que ouvimos “desespero” e “medo”, dentre outras divagações;

2024

– O mesmo aluno que mencionou, em 2023, sobre a juventude querer morrer, desenhou uma figura de desenhos animados orientais com a frase: “A violência é uma coisa do instinto de todos” – encaminhamo-lo novamente à O.E. – Orientação Educacional.

APÊNDICE II

DIALETO CANDANGO PÓS-CONTEMPORÂNEO

ABALAR – chamar a atenção por atitude muito positiva ou muito negativa.

AHAZAR – (lê-se “arrasar”) – chamar a atenção por atitude de muito destaque, geralmente com efeito positivo.

CELEBRIDADE – palavra antes usada para pessoas como Ernest Sabin, hoje pode ser Pablo Vittar ou algum “digital influencer”, mas sempre com milhares de “seguidores”.

CRUSH – algo romântico “rolando” entre duas pessoas, com o interesse de um maior compromisso.

CRUSH (segunda acepção) – pessoa com quem está “rolando” algo romântico, com o interesse de um maior compromisso.

DA HORA – muito interessante.

DIGITAL INFLUENCER – pessoas que “postam” audiovisual nas redes sociais, influenciando o comportamento de seus seguidores.

FECHAR – arrematou um assunto de maneira assertiva ou se apresentou de maneira a não passar despercebido(a).

FICAR – “rolar” algo sexual entre duas pessoas, inclusive com a possibilidade forte de repetição, mas sem o interesse de um maior compromisso.

FLOPAR – dar bobeira, errar, perder a oportunidade.

GATINHA – termo que já permanece há décadas, significa uma jovem interessante.

INSTA – abreviatura de Instagram, rede social tecnológica.

IRADO – extraordinário.

KIBAR – plagiar.

LACRAR – o mesmo que “fechar”, só que de maneira avassaladora ou inquestionável.

MATCH – interesse mútuo em “rolar”, conforme discriminado também nesta lista, algo romântico ou sexual entre duas pessoas.

NOIADO(A) – avoadado(a), chapado(a), zumbi.

NOVINHA – o mesmo que “gatinha”, muito ouvido nos funks.

PEGAÇÃO – ato de “pegar”.

PEGAR – “rolar” algo sexual efêmero (não necessariamente com ato de penetração), entre duas ou mais pessoas, sem a possibilidade forte de repetição do evento, nem a necessidade de se saberem nomes ou se enxergarem nitidamente as

fisionomias.

PEGUETE – maneira meio cômica ou depreciativa de se referir a um “crush”.

PIRAR NA BATATINHA – viajar na maionese, como diria a geração anterior.

POSTAR – ato de publicar um conteúdo de texto ou audiovisual nas redes sociais.

POV – ponto de vista.

PPRT – “papo reto”, direto ao assunto.

ROLAR – acontecer.

SEGUIDORES – pessoas que acompanham determinada pessoa nas redes sociais.

TE LEVAR “PRAS” IDEIA – sair junto já pensando em algo mais, desde paquerar até...

TRUVAR – os dicionários informais, via internet, escrevem que significa se relacionar sexualmente, mas os estudantes reportaram como “botar pra f....”, podendo ou não se referir ao ato sexual.

APÊNDICE III – MODELOS E FORMULÁRIOS

FORMULÁRIO de Entrevista



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS - INSTITUTO DE ARTES – IDA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROFARTES)

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

ESTUDANTE: _____
ANO: ____ TURMA: ____ Brasília (DF), ____ de _____ de 2024.

Agradeço, mais uma vez, estarmos juntos neste projeto! Eu, o professor, facilitando entender o que vem a ser dramaturgia; por outro lado, você, aluna ou aluno, refletindo sobre a sua própria identidade e me ensinando as *vibes* da vida contemporânea.

Conhecemos dramaturgos, lemos cenas, apropriamo-nos de situações, transcendemos o cotidiano poeticamente e escrevemos cenas originais ou ressignificadas; opcionalmente, participamos de leitura dramática no sarau literário e encenamos na sala ou no palco do pátio central da nossa escola.

1. Tudo que fizemos serviu para quê? Serviu? Nosso projeto trouxe algum impacto em sua vida?

2. O que importa na vida? Quem você segue? Quem te representa?

3. O que é importante TER?

4. O que é importante SER?

5. Segundo o IBGE, as pessoas podem ser negras (pretas e pardas) ou não negras (brancas, amarelas e indígenas). Onde você se encaixa ou como você se sente?

6. Além das características físicas, você é quem mesmo?

7. Tem escritor chamando a juventude atual de geração ansiosa, nação dopamina, geração do quarto... e você, como se refere à sua própria geração?

8. Reservado para você me enviar uma missiva... quero dizer, *teclar um direct*:

9. Tem escritor chamando a juventude atual de geração ansiosa, nação dopamina, geração do quarto... e você, como se refere à sua própria geração?

10. Reservado para você me enviar uma missiva... quero dizer, *teclar um direct*:

“To be or not to be, that is the question” – Hamlet, de William Shakespeare.

FORMULÁRIO de Trabalho Final



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS - INSTITUTO DE ARTES – IDA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROFARTES)

TRABALHO FINAL DOS ALUNOS

ESTUDANTE 1: _____

ESTUDANTE 2: _____

ESTUDANTE 3: _____

ANO: ____ TURMA: ____ Brasília (DF), ____ de ____ de 2024.

Agradeço termos chegado até aqui, depois que vocês aprenderam dramaturgia com uma pessoa, eu, Professor Carlos; sendo que aprendi sobre a vida com vocês todos, jovens do mundo contemporâneo.

Por favor, no verso deste documento, escreva uma cena ficcional com título, três personagens, duas a três rubricas externas às falas dos personagens, cinco rubricas internas às falas dos personagens. Os personagens não podem ter nomes iguais aos dos alunos desta escola, a não ser que sejam nomes muito usuais, tais como MARIA, JOÃO, JOSÉ etc.

Seguem, mais como lembretes e inspiração, alguns trechos de cenas dos autores aos quais nos reportamos durante as aulas. As temáticas que vocês mesmos ventilaram como as mais importantes, hoje em dia, foram sobre família, dinheiro, religião, educação e redes sociais. Nos envelopes sigilosos das dúvidas sobre a vida, com preservação do anonimato do questionador, o maior número de perguntas ocorreu sobre a temática “dinheiro/emprego/sustento”, seguida de “direitos sexuais e reprodutivos” e “família”.

O AUTO DA COMPADECIDA, de Ariano Suassuna

JOÃO GRILO: Está aí o gato.

MULHER: E daí?

JOÃO GRILO: É só tirar o dinheiro.

MULHER: Pois tire!

A MENINA E O VENTO, de Maria Clara Machado

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer... garanto que não sabe...

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatear até você trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

ROMEU E JULIETA, de William Shakespeare

AMA: *(do interior)* Senhora!

JULIETA: *(voltando-se para o interior do quarto)* Já vou... *(voltando-se para o jardim)*

Mas, se tuas intenções não são boas, eu te imploro...

AMA: *(do interior)* Senhora!

JULIETA: *(voltando-se para o interior do quarto)* Já vou logo... *(voltando-se para o jardim)*

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

FORMULÁRIO de Autorização do Responsável



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – INSTITUTO DE ARTES – IDA

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROFARTES)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, _____, autorizo a utilização da imagem e som de voz do(a) estudante _____, na qualidade de participante e entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado **ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA: Dramaturgia com Inspiração na Dramaturgia de Shakespeare**, sob responsabilidade de CARLOS ALBERTO NEVES DA ROCHA, vinculado ao Mestrado Profissional em Artes Cênicas e professor de artes do(a) estudante, no turno matutino do CEF 104 Norte – Centro de Ensino Fundamental 104 Norte, no biênio 2023/2024.

A imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em atividades educacionais, conferências profissionais e acadêmicas.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do pesquisador responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da imagem e som de voz do (a) estudante acima discriminado (a).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Nome e Assinatura do(a) responsável

Nome e Assinatura do pesquisador

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO I
PPP DA ESCOLA LIGADO À NOSSA PESQUISA

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
Secretaria de Estado de Educação
Coordenação Regional do Plano Piloto / Cruzeiro
Centro de Ensino Fundamental 104 Norte

PROJETO MULTIDISCIPLINAR

BIÊNIO: 2024/2025

Turnos: MATUTINO e VESPERTINO

Professores: Carlos Neves, Camila, Débora Neves, Henrique, Josi

ENTREVISTA PARA REFLEXÃO DA JUVENTUDE PÓS COVID-19

1. Introdução

Após o prejuízo pedagógico e nas relações afetivas, causado pelos dois anos de epidemia (2020/2021), consideramos que o PPP da escola necessita se manifestar a respeito da recuperação do tempo perdido no letramento e relacionamento social.

2. Justificativa

Um dos papéis fundamentais da escola é complementar os ensinamentos das famílias no relacionamento social da juventude com o mundo; portanto, precisamos dar voz ao corpo discente, tanto para tomarmos conhecimento do que se passa na vida dos estudantes, como também para promover tratativas que reajam ou desenvolvam ações afirmativas sobre o que se descobrir e sobre o que já se sabe.

Saliente-se ainda que o Currículo em Movimento da SEEDF elenca objetivos e conteúdos consonantes com este projeto ora em elaboração, para letramento e mitigação de prejuízo didático-pedagógico e de relações sociais, causado pela epidemia de Covid-19.

Precisamos promover a boa convivência e auxiliar o desenvolvimento integral dos estudantes com valores positivos: Respeito; Cooperação; Acolhimento; valorização das diversidades; diálogo; empatia; tolerância; autoestima; autoconfiança; liderança e constituição da identidade. Assim, contribui-se na prevenção da saúde mental.

2.1 Problema de pesquisa

O problema que se coloca é: de que forma os professores de arte, inglês, português e a orientação educacional do Ensino Fundamental – anos finais atuam, por meio das dinâmicas de entrevista e à luz da ética e saúde mental do corpo discente, como mediadores entre o que o estudante sente, se manifesta e reflete, para a promoção de horizontes de reforço identitário e sentimento de pertencimento?

2.2 Objetivos

Objetivo geral: Promover a informação, expressão artística, empatia e reflexão para alunos do Ensino Fundamental – anos finais, por meio de prática de entrevistas, com apoio didático-pedagógico multidisciplinar e foco na ética, relações sociais, reforço identitário, sentimento de pertencimento e preservação da saúde mental; valer-se da linguagem nessas relações pessoais, sendo capaz de expressar sentimentos, experiências, ideias e opiniões; reconhecer a parcialidade/imparcialidade em textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas enquanto produtor de textos, inclusive perguntas de entrevistas utilizando as variedades linguísticas, sabendo adequá-las às circunstâncias da situação comunicativa de que participam; fruindo esteticamente e contextualizando obras de arte na evolução do ser.

Objetivos específicos:

— Conectar-se ao projeto de mestrado profissional, orientado pela UnB, para aplicação nesta escola, sob título “ARTE-EDUCAÇÃO E PRÉ-ADOLESCÊNCIA: Apropriação de

Dramaturgias para Reforço de Identidade”, dialogando por meio da Escuta Ativa na escola como facilitador de valorização dos envolvidos na comunidade escolar nas situações de conflitos, Bullying, automutilação entre outros que demonstram a fragilidade dos estudantes;

— Promoção da saúde mental e das relações socioemocionais, tornar a escola um espaço de acolhimento e prevenção de comportamentos que evidenciam ações autodestrutivas;

— Reconhecer o gênero entrevista e identificar seu contexto de produção;

— Desenvolver o espírito analítico, frente aos argumentos apresentados pelo entrevistado, posicionando-se criticamente;

— Entender como funciona a produção de uma entrevista;

— Em caso de entrevista audiovisual, entender que a postura, gestual e tom da voz são elementos fundamentais de atuação sobre a sensibilidade do telespectador.

1. Revisão teórica

Tomamos como base os livros-textos adotados na escola, a literatura citada neste documento e o Guia de valorização da vida – orientações e prevenção ao bullying, automutilação e suicídio na escola-SEEDF; Currículo em Movimento da SEEDF – DF; além de estar dentro dos preceitos da BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

4. Percurso metodológico

O projeto em questão terá um caráter descritivo – exploratório, de natureza qualitativa e semiestruturada porque buscará conhecer os procedimentos apropriados para o professor mediar interlocução do corpo discente sobre as suas necessidades de reforço de identidade e sentimento de pertencimento, para ampliação do leque de possibilidades de novos horizontes éticos de pensamento, poética e ação; além disso, podem ser incluídas perguntas novas na estrutura original do roteiro, assim como ser iniciado um debate construtivo, sempre à luz da pedagogia crítica e obediência ao Estatuto da Criança e do Adolescente. Percurso planejado:

— Desenvolver roteiro conforme regras a serem acordadas;

— Verificar a linguagem adequada, inclusive utilizando o Dialeto Candango Pós-contemporâneo, constante na dissertação do projeto orientado pela UnB e já citado

anteriormente neste documento;

— Estabelecer roteiro;

— Colher autorização dos responsáveis pelos estudantes interessados em participar, a depender do formato de divulgação;

— Utilizar o mínimo possível da memória, para registro de fatos e sim registrar por escrito, gravar ou filmar;

— Começar a entrevista, deixando claro quem é o entrevistador(a) e o porquê da entrevista;

— Encaminhar para O.E. estudantes que tenham deixado transparecer a necessidade de apoio à saúde mental.

2. Público

Alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos.

6. Cronograma das Ações

ATIVIDADES	1º BIMESTRE	2º BIMESTRE	3º BIMESTRE	4º BIMESTRE	Obs.:
*Colher autorização do responsável sobre o uso da imagem e voz.					
Teoria do Gênero Entrevista (Língua Portuguesa)					
Prática de texto dramático de Shakespeare (Inglês)					
Conscientização sobre o processo do projeto (OE/ Artes)					
Escuta Ativa (OE)					
Orientação e se necessário encaminhamento (OE)					
Realização das entrevistas (Arte)					
Análise de resultados (Todos os envolvidos)					
Apresentação					

*Autorização de apresentação das imagens e voz, para banca de defesa da Dissertação de Mestrado Profissional na UNB.

7. Avaliação

Tanto o processo ora proposto e desenvolvimento do estudante serão frutos de avaliação qualitativa em forma de conselho, composto pelos professores da área de linguagens e da Orientação Educacional; eventualmente, os próprios estudantes serão convidados a avaliar porque faz parte dos fundamentos deste trabalho dar voz ao corpo discente, quando então estaremos buscando a coerência entre pensamento e prática.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. 6ª ed. Brasília: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar: Por uma Docência da Melhor Qualidade**. 8ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao Teatro**. 7ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GROTOWSKI, Jerzy. **Para um Teatro Pobre**. 2ª ed. Brasília: Editora Dulcina, 2011.

GUIA DE VALORIZAÇÃO DA VIDA, Orientações e prevenção ao bullying, automutilação e suicídio na escola, SEEDF, 2024.

HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

SHAKESPEARE, William. **Medida por Medida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2004.

RAMOS, Graciliano. **A Terra dos Meninos Pelados**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora Galera Record, 2018.

SHAKESPEARE, William. **The Complete Works of William Shakespeare**. Londres: Wordworth Editions, 1996.

CORTEZ, Antônio Carlos e Suzana (orgs.). **Conversas com Lingüistas – Virtudes e Controvérsias da Lingüística**. 3ª ed. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2007.

https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ens-fundamental_19dez18.pdf, acessado às 23h30 de 02/11/2022.

<https://www.youtube.com/watch?v=VFuwlJQ3YtM>, acessado às 23h40 de 02/11/2022.

<https://www.youtube.com/watch?v=ufZwJ-k-idY>, acessado às 23h45 de 02/11/2022.